

MUNDO GRÁFICO



D. Pedro e D. Inês
por Francis e Ruth
numa admirável
realização dos
"Bailados
Portugueses"



ATENÇÃO

Amadores Fotográficos!

O VOSSO CONCURSO



O "MUNDO GRÁFICO", revista de actualidades nacionais e internacionais, no intuito de concorrer para o desenvolvimento da fotografia artística em Portugal, que tão altas manifestações de beleza está revelando, inicia hoje um valioso concurso entre os não profissionais de todo o país. O formato da nossa revista e a sua magnífica impressão permitem dar a todos os clichés, não, apenas, uma reprodução quási perfeita, mas ainda publicá-las com amplitude. Aceitamos todas as fotografias que digam respeito à vida, costumes, fainas do mar e do campo, e monumentos, tipos, expressões de arte — quer rurais, quer citadinas.

Devemos, no entanto, dizer que, dentro do carácter do "Mundo Gráfico", serão acolhidas com verdadeiro entusiasmo, tendo, portanto, a primasia, todas as fotografias que foquem aspectos citadinos e nelas, o pormenor humano, o caso curioso, o flagrante da rua. Como os acontecimentos se revestem de vários aspectos, o concorrente pode enviar-nos mais duma fotografia sôbre o mesmo assunto, (não mais de três) sempre que se lhe depare interesse, ou a actualidade do acontecimento o justifique.



EIS AS BASES DO CONCURSO FOTOGRÁFICO DO "MUNDO GRÁFICO":

Todos os clichés que revelem qualidades artísticas ou tenham interesse de documentação, serão publicados imediatamente com o nome, ou pseudónimo do seu autor.

O concurso fica aberto desde hoje, encerrando-se a 29 de Fevereiro de 1941.

No dia 1 de Março do mesmo ano, um júri competente, seleccionará as três melhores fotos, a que serão atribuídos os seguintes prémios:

- 1.º prémio 500\$00
- 2.º prémio 250\$00
- 3.º prémio: uma assinatura anual de "Mundo Gráfico,"

CONCORRA HOJE MESMO!

ENVIE-NOS OS SEUS CLICHÉS!

INVENÇÃO! AUDÁCIA! ORIGINALIDADE! FLAGRANCIA!

Todos os assuntos

Um assunto

Figuras e Factos

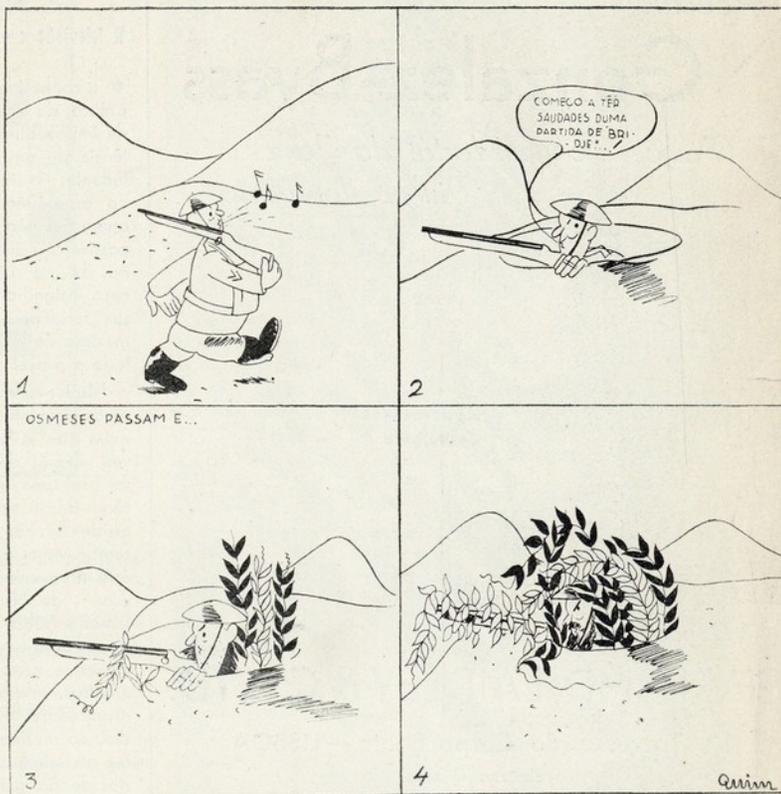


SUMÁRIO

A INGLATERRA ESPERA A INVASÃO

A NOVA GUERRA, crónica internacional.
ARTHUR GREENWOOD, biografia.
CARICATURA DE QUM.
OS EXPLORADORES INGLÊSES, por Johnson Clay.
PORTUGAL e LORD BYRON, por Afonso Lopes Vieira.
O ÚLTIMO DIA DA EXPOSIÇÃO
(fotos de Horácio Novais).
A RAINHA ISABEL DE INGLATERRA visita os feridos de guerra.
OS IMPERTINENTES, reportagem.
O DOMÍNIO DOS MARES.
SÔBRE OS TELHADOS DE LISBOA
(fotos de Horácio Novais).
A CAMPANHA ANTI-SUBMARINA, por Maurício de Oliveira.
DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DA GUERRA.
O HOMEM DA PAZ.
O PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA.
AS FORTALEZAS DE AÇO.
O PAPEL CULTURAL DO INSTITUTO BRITÂNICO.
A GUERRA EM AFRICA.
DESPORTOS FEMININOS.
FIGURAS E FACTOS, Actualidades.
O QUE SE LÊ E O QUE SE VÊ
(fotos de J. Lobo).
UMA VIUVA INFELIZ, novela de Assis Esperança.
CINEMA.
A EVOLUÇÃO DA MÚSICA DOMÉSTICA, crónica alegre.

CAPA de Horácio Novais



Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

Lobito — Luau (Fronteira) — 1.347 kms.

Capital: Esc. Ouro 330.000.000\$00 ou £ 3.000.000

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

LOBITANGA	Lisboa
	Lobito
	Londres

O mais curto caminho entre a Europa e a África central

ESCRITÓRIOS:

LISBOA — Largo do Quintela, 3-1.º

LONDRES — Princes House — 95, Gresham St., London E. C. 2

LOBITO — Caixas Postais n.ºs 32 e 49

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez
Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port»

Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA
(Telefone 2 3311)

FÁBRICA DE LOUÇA DE SACAVÉM

Louças de uso doméstico

LOUÇAS SANITÁRIAS

BRANÇAS E EM CÔR (MARFIM,
AZUL, VERDE, PRETA E CÔR DE ROSA)

Azulejos brancos e de côr

MOSAICOS CERÂMICOS

O MELHOR PAVIMENTO PARA QUARTOS
DE BANHO, COSINHAS, TERRAÇOS, ESTABELECIMENTOS DE VENDA, ETC.

Artigos de primeira qualidade

Séde:

Rua da Prata, 126-132

Avenida da Liberdade, 49-57

L I S B O A

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

A televisão e o ensino da cirurgia

● É conhecida a dificuldade do ensino prático da cirurgia em consequência da impossibilidade de permitir a assistência de um grande número de estudantes às intervenções dos mestres no organismo humano. Se algumas operações são tão freqüentes que é possível a assistência de todos os alunos de um curso, por turnos de número insignificante, outras há que, pela sua raridade, exigem a presença do máximo de estudantes a fim de tirar-se todo o proveito possível.

Muitas salas de operações foram, modernamente, construídas de tal maneira que os futuros cirurgiões podem ver, através de espelhos, todas as fases de uma intervenção. Parece, porém, difícil evitar que o professor e assistentes não saiam, por vezes, do campo visual dos alunos. Para eliminar este inconveniente, o hospital de «Israel Zion», de Nova York, instalou, exactamente sobre a mesa operatória, um iconoscópio que permite, por televisão, projectar num «écran» uma imagem ampliada suficientemente para que 100 espectadores possam seguir a intervenção, ao mesmo tempo que alto-falantes permitem a audição dos comentários do cirurgião acerca da maneira de proceder.

Os problemas do vôo estratosférico

● Todas as investigações aeronáuticas modernas tendem para a descoberta de aparelhos capazes de maiores velocidades. Há muito, porém, que os técnicos concluíram que as velocidades desejadas para que os continentes mais afastados possam unir-se em poucas horas, não são susceptíveis de ser atingidas às altitudes habituais de vôo, mas onde as camadas atmosféricas estão mais rarefeitas. Essa solução permite, além de tornar os aviões mais velozes, resolver o problema da formação de gelo nas superfícies exteriores dos aparelhos — um dos perigos que mais preocupam a aviação comercial.

Após alguns vôos de ensaio com os «stratoliner» (aviões estratosféricos) dos T. W. A. e dos P. S. S. a 4.600 e a 6.200 metros, reconheceu-se a necessidade de investigações mais rigorosas acerca da maneira de tornar completamente estanques as vigias e portas das cabinas, em condições de resistirem aos vôos a grandes altitudes.

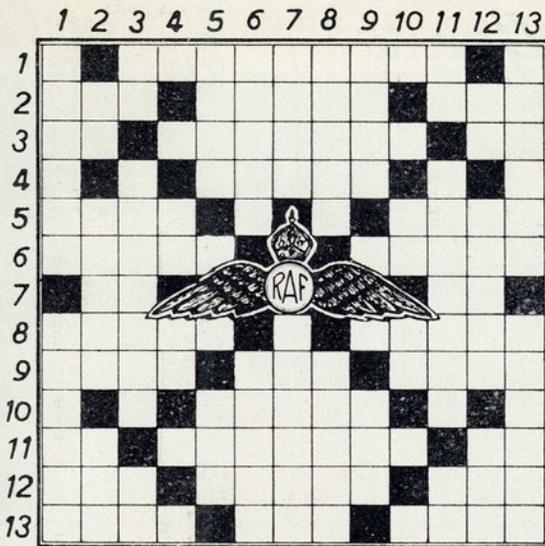
Por isso, a sociedade norte-americana Boeing Aircraft Co., de Seattle, que há longo tempo se dedica ao estudo da navegação na estratosfera, acaba de instalar nos seus laboratórios uma nova câmara de ensaios de excepcional importância para a solução das dificuldades que persistem nas cabinas estanques. A «strat chamber» é constituída por um cilindro de aço

com 1,7 metros de diâmetro e 3,7 metros de comprimento. No primeiro, mais pequeno, obtêm-se as características da atmosfera à altura desejada, por meio de arrefecimento e rarefações do ar; no segundo, estabelecem-se as condições atmosféricas que devem reinar nas cabinas dos aviões. A referida câmara permite ensaios em condições correspondentes a altitudes de 12.000 metros e experiências fisiológicas e médicas. A montagem de bombas de rarefação mais potentes deixará atingir o domínio de altitudes de experiência até 18.500 metros.

Os instrumentos de observação astronómica mais potentes e aperfeiçoados do Mundo pertencem aos Estados Unidos

● Há muito que o labor científico dos Estados Unidos, especialmente nos campos das ciências experimentais, está consagrado. Mercê de recursos extraordinários, a nação norte-americana possui os laboratórios melhor apetrechados de todo o Mundo, de tal maneira que a maioria da contribuição para o progresso da física moderna pertence aos sábios americanos. O que mais nos assombra, porém, é o extraordinário desenvolvimento dado ao estudo da astronomia, construindo-se instrumentos de observação de uma potência que qualquer outro país ainda não conseguiu igualar.

Por exemplo, o mais potente dos reflectores que existem actualmente no mundo é o telescópio Hooker do monte Wilson, assim chamado em homenagem ao general que ofereceu os fundos necessários para a sua construção. A parte móvel pesa cem toneladas e, para sustentá-la e amortecer as flexões, os apoios assentam sobre flutuadores de mercúrio; para manter uma temperatura constante, a fim de impedir dilatações, está regulada uma circulação de água ao longo do telescópio por um termostato; e quarenta servo-motores eléctricos executam todos os movimentos necessários à observação dos astros. Isto é ainda muito pouco, porém, para satisfazer as exigências dos sábios norte-americanos. Assim, o Instituto Tecnológico da Califórnia, instalado em Pasadena, decidiu construir no monte Palomar, um observatório cuja peça principal será um super-telescópio de 200 polegadas, com 5,08 metros de abertura — duas vezes a do telescópio Hooker. O espelho, feito de um vidro «purex» cujo coeficiente de dilatação é quatro vezes menor que o vidro ordinário, pesará 40 toneladas, em bruto. Este pêso será muito pouco diminuído no acabamento, actualmente em curso. Os jornais americanos da especialidade publicaram todos os pormenores da delicada construção do gigantesco espelho.



PROBLEMA N.º 4

HORIZONTAIS

- 1 — Importante base naval inglesa no Mediterrâneo.
- 2 — Caminhai; voltava a ler; que não tem miolo.
- 3 — Articulação das falanges dos dedos; capital dum importante país da Europa; campeão.
- 4 — Cabo de guerra.
- 5 — Comedor; engaste de pedra preciosa.
- 6 — Casas térreas; subjuguéi.
- 7 — Ande; medida inglesa que equivale a 0,3033.
- 8 — Cantores; esperançada.
- 9 — Amanhã (ant.); cauda; anagrama de «lisa».
- 10 — Vigia.
- 11 — Nota musical; importante pórtico carvoeiro inglês; preposição.
- 12 — E o resto (abrev. lat.); do ar (fem.); ice.
- 13 — Cidade à entrada dum estreito, que dá o nome ao mesmo; ruído que impressiona o ouvido; base naval inglesa no Mar Vermelho.

- 4 — Grande rio do Este de Marrocos que vai desaguar em Malúia; art. (pl.).
- 5 — Pão de milho; forma antiga da palavra «rã».
- 6 — Mensalidade; matéria corante (pl.).
- 7 — Medida de comprimento que correspondia a 1.^m10; cartilagem.
- 8 — Planfa irídica; transfiram.
- 9 — Moeda chinesa; esforço de trabalho.
- 10 — Tenuíssimas partículas de terra seca; caminhava.
- 11 — Nome duma letra grega; saíde-vos bem; pref. lat. que denota direcção.
- 12 — Neste lugar; cidade inglesa; pron. pessoal.
- 13 — Simpatizai; sulfato duplo de alumina e potassa.

VERTICAIS

- 1 — Espécie de compasso com que se descrevem grandes círculos; empilhes.
- 2 — Lástima; o pórtico do continente inglês mais perto da França; pau-ferro.
- 3 — Nome duma letra; grande série de tiros (pl.); interjeição de chamar.



Solução do Problema n.º 3



Tôda a vida do Mundo passa por estes fios. A alegria e dor, a esperança e a angústia ressoam através deles, em apelo e interrogações. Dum fio quebrado depende muitas vezes o destino duma nação ou a vida dum homem

F. BRINDLE & C.ª, L.ª

CASA FUNDADA EM 1900

Fábrica e Sêde : Rua Pinheiro Manso, 338 — Tel., 15160 — Teleg. «Brindle» — PORTO
Delegados de : G. W. Thornton & Son Tweedales & Smalley (1920) Ltd. de Manchester de Castleton

- Secção A** Engrenagens para automóveis abertos e à plata-forma para todos os tipos de dentes.
- Secção B** Transmissões modernas. Uniões de fricção.
- Secção C** Construção de máquinas a vapor.
- Secção D** Especialidade em reparações de qualquer maquinismo.
- Secção E** Tubagens fundidas em qualquer diâmetro e comprimento, para máquinas a vapor e água e tubos ailetts para estufa de aquecimento.
- Secção F** Prensa hidráulicas para tôdas as aplicações, bombas centrífugas verticais e horizontais.
Fabricação de teares para qualquer largura, lisos e de caixão, com as rodas de comando frezadas e as chumaceiras de apoio de lubrificação automática. Orgãos completos com pratos de chapa de aço macio estampados.
- Secção G** Reparagens em vapor: (Ship Repairs).
Plantas e orçamentos grátis
- Secção H** Reparagens em vapor: (Ship Repairs).

AHLERS, LINDLEY, L.ª

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

PAPEIS / TINTAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES / MÁQUINAS E METAIS / DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS / TUDO DAS MELHORES MARCAS INGLÊSAS

Rua Bernardino Costa, 13-2.ª LISBOA

TELEFONE 2 0320



ARTHUR GREENWOOD

É um homem de guerra. A sua energia, a sua inteligência, a sua perspicácia, como que se refletem nos olhos agudos e penetrantes. Tem nas pupilas qualquer coisa de inquiridor. Um sorriso de vaga ironia que parece creditar e ao mesmo tempo duvidar. Esta expressão física corresponde intrinsecamente ao homem moral, à frieza objectiva com que resolve os assuntos, ao sentido realista que sempre tem acompanhado a sua existência.

Arthur Greenwood é o intelectual da política, mas sem romantismo, antes com um materialismo concreto e eficiente. É hoje membro do Conselho de Guerra do governo britânico, embora sem posto. Esse Conselho é como que o cérebro de aço da Inglaterra. O seu pensamento supremo, que elabora planos, dita ordens, dirige, comanda. Arthur Greenwood foi escolhido para esse cargo não tanto pelas provas dadas, que afirmaram exemplarmente na sua carreira política a sinceridade, a firmeza e a isenção, mas pela sua alta inteligência, de concepções novas, imantativa e fecunda, capaz de triunfar sobre todos os obstáculos e dificuldades. Onde ele está — está a vitória, o fim de uma vontade férrea, temperada por um raciocínio tão claro como subtil.

Greenwood, que nasceu em 1880, fez os seus estudos na Universidade de Leeds, onde se especializou em assuntos económicos. Antes da última guerra, filiou-se no partido trabalhista, sendo eleito deputado pela primeira vez em 1922. Tem sido sucessivamente eleito. No segundo governo MacDonald foi ministro da Saúde, não acompanhando o seu chefe quando abandonou o partido trabalhista.

Escolhido para sub-líder da oposição, tem tomado parte nos mais transcendentais debates da Câmara dos Comuns. Convidado oficialmente para pôr a sua candidatura ao lugar de líder, em Novembro de 1939, recusou-se aconselhando a escolha do seu amigo Attlee, indicação que foi seguida.

Greenwood representa, pois, no Governo de Churchill, com o major Attlee, o partido trabalhista, organização poderosa que totaliza alguns milhões de homens. Isto significa que as classes operárias estão, sem reservas, ao lado do Governo, inteiramente unidas no gigantesco esforço de guerra. Um único objectivo norteia agora o partido trabalhista: vencer o inimigo.

A Nova Guerra

A guerra é uma caixa da surpresas. Winston Churchill escreveu nas "Memórias da minha mocidade", que nunca haveria guerra se os dois adversários não estivessem igualmente convencidos de que acabariam por ganhar. Os políticos e os militares architectam planos ou executam manobras. Os homens e os acontecimentos, de que eles são protagonistas, encarregam-se de os contradizer.

Napoleão dizia que os planos duma campanha devem ser modificados até ao infinito. O maior chefe militar de todos os tempos só conhecia duas espécies de planos: os bons e os maus. "Algumas vezes são os bons que falham por circunstâncias fortuitas; outras são os maus que triunfam pelo capricho da fortuna". Que melhor legenda se poderia encontrar para esta guerra?

Os exércitos vitoriosos do Reich ocuparam a Polónia, a Noruega, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica, a França. A diplomacia alemã associou aos seus destinos a Hungria e a Roménia e estendeu a sua acção à quasi totalidade dos Balcans e da zona danubiana. Em frente do mar, a sua capacidade de penetração revelou-se menor. Costumava dizer-se que o milagre do Marne se não repetiria. Quando Paris caiu em poder dos alemães, houve quem visse nesse episódio uma confirmação da profecia. Simples aparências. O milagre desta guerra chama-se Dunquerque.

De acordo com as suas tradições e os seus métodos, o estado maior alemão imaginara e preparara uma guerra rápida, de tipo continental, para a qual acumulou armamentos e imaginou uma táctica: a colaboração dos engenhos motorizados e da aviação de bombardeamento, para destruir o sistema defensivo inimigo e abrir caminho às tropas de ocupação. Esta concepção teve um êxito incontestável na Polónia e em França. A sorte da Europa estaria decidida se a esquadra alemã não perdesse nas costas da Noruega um terço das suas unidades de superfície.

A evacuação de Dunquerque confirmou a lição da Noruega. A aviação do Reich não impediu a retirada de trezentos mil soldados dum exército cujo comando e órgãos de execução manobram com perfeição e rapidez. O curso dos acontecimentos mudou nesse dia. Encontramo-nos agora perante uma nova guerra, de tipo inter-continental e marítimo, cuja decisão deve ser lenta, implicando o emprêgo de novas armas e de métodos diferentes.

Será legítimo dizer que essa evolução corresponde às necessidades da Gran-Bretanha? Durante a conflagração de 1914-18, os ingleses improvisaram um exército. Seis mezes depois do início das hostilidades o "Times", revelava: "Temos o costume de só levantar tropas depois de começar a guerra. Enviamos para França uma parte da nossa guarda avançada. Iremos enviando o resto. A Inglaterra não tem pressa". Sir John French telegrafava a Joffre: "Somos lentos mas seguros".

Depois de Dunquerque a Gran-Bretanha juntou aos seus naipes desfalcados dois trunfos de inegável importância: o tempo e o mar. O tempo permitiu-lhe consolidar um exército aéreo e preparar um exército terrestre. O mar permitiu-lhe deter a invasão. A derrota da França, que parecia marcar o termo da guerra, para a qual os adversários estavam desigualmente preparados, marcou o seu recrudescimento. Novos factores surgiram, novas forças se desencadearam.

É inútil fazer previsões. Mas é conveniente verificar que a guerra que se iniciou em Setembro de 1940, com a batalha de Londres, se não parece com a guerra que se iniciara um ano antes com a batalha de Varsóvia. O segrêdo da transformação está na síntese com que Villaret Joyeuse definiu a vitória de Nelson: "O patriotismo e as virtudes militares dum povo não bastam para construir uma esquadra e para depois a monobrar".

Um atentado

À figura austera do Chefe do Estado, que deve considerar o símbolo das virtudes da nação, e ao Clero português, que encontrou na figura do seu prelado supremo um verdadeiro condutor de espíritos — dirigimos, neste momento, os nossos votos de respeito e de carinho.

O atentado da Sociedade de Geografia, crime sem nome que manchou a alma nacional, mereceu a unânime reprobção do país. Foi com verdadeira ansiedade que nós, como todos os portugueses, nos debruçamos sobre o leito de dor do venerando bispo de Aveiro e dessa mocidade corajosa e nobilíssima que é o dr. Oscar Carmona, acompanhando-os no seu sofrimento e na sua angústia. A nuvem que obscurecia os seus olhos, desfez-se, felizmente. Interveio não só a Ciência numa das suas mais belas vitórias, mas também mais alto designio, uma mensagem de vida e de esperança!

Tempestade

Revoltaram-se os deuses. Os elementos sacodem furiosamente a terra martirizada, espalhando, aqui e além, a miséria e a morte. Dir-se-ia que a Natureza declarou guerra aos homens em guerra. O solo estremece em convulsões apocalípticas de dor, como a sacudir-se do pêso caótico duma humanidade enlouquecida. Sobre os campos floridos, onde o pão do homem germina, longos mantos de água — a água bendita do céu, agora maldição e luto — são novos oceanos onde a vida se afunda e donde a fome emerge com a sua máscara horrível de tragédia.

Revoltaram-se os deuses. É a sua ira irreprimível que paira sobre o planeta ensangüentado. É um dedo gigantesco, descarnado e frio, estendido no espaço a apontar aos homens o caminho da redenção.

Cruzadores alados

Os Estados Unidos, que já antes da guerra haviam afirmado a superioridade da técnica aeronáutica americana sobre a europeia, anunciam agora a construção dos mais poderosos aviões de bombardeamento do mundo, superiores, em todas as características militares e aerodinâmicas, às famosas «fortalezas voadoras». São tetrámotores de vinte toneladas, com um raio de acção superior a 4.800 quilómetros, uma velocidade horária de 480 e uma capacidade de carga de cerca de quatro toneladas de bombas.

A Gran-Bretanha vai receber, dentro em breve, os primeiros destes gigantes aparelhos saídos da Consolidated Aircraft. O céu da Europa cobrir-se-á com as asas da mais poderosa esquadra aérea do mundo — verdadeiros cruzadores alados que, na concepção militar do Grande Churchill, traduzirão no espaço o incontestado poderio naval da Inglaterra.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O CAPITÃO SCOTT NO POLO SUL

OS EXPLORADORES INGLÊSES

O povo inglês teve, desde sempre, a paixão da aventura, aliada a uma irreprimível e ardente curiosidade do desconhecido

NUMA manhã cinzenta do ano 721; uma pequena embarcação abandonava a costa meridional da Inglaterra e fazia-se ao largo em busca de longínquas e desconhecidas paragens. Um jovem aventureiro, de nome Willibald, partia duma pequena aldeia da beira-mar, hoje um dos mais importantes portos da Gran-Bretanha — Southampton — para uma viagem que havia de durar dez anos, levado pelo mistério de longes horizontes e pela fantasia de lendas remotas.

O povo inglês teve, desde sempre, a paixão da aventura, aliada a uma irreprimível e ardente curiosidade do desconhecido. O cidadão britânico é, por natureza — e até por instinto — um investigador. Nos primeiros tempos da sua história, os ingleses exploraram e fizeram o mapa da própria ilha. À sua volta, o mar desaparecia lá ao longe,

onde o sol se esconde e o desconhecido avulta. E, foi em rude batalha com as ondas que encontraram as primeiras aventuras e mais tarde o primeiro Império do mundo.

Willibald foi o primeiro explorador britânico. Atravessou a França, galgou os Alpes até a Itália, alcançando por fim a Palestina onde se demorou quatro anos. Quando regressou a Inglaterra, escreveu as suas memórias, que ainda hoje existem, religiosamente guardadas, no Museu Britânico de Londres. Cerca de trezentos anos antes do nascimento de Shakespeare, os ingleses beneficiaram duma curiosa invenção originária da China. Fôra o dr. Gilbert, médico da Rainha, que a mencionara no seu diário com o nome de "pedra magnética," ou de "diamante polar,," De facto, os chineses conheciam já as propriedades da famosa "pedra," que, quando

suspensa em liberdade, se orienta para o Norte. Os primeiros cruzados que saíram de Inglaterra para a Terra Santa utilizaram nas suas viagens, o "iman natural,,"

Mais tarde, um grupo de aventureiros ingleses, levando o "diamante polar,," abandonou o solo pátrio a fim de alcançar a própria China. Eram eles Hugh Willoughby, Richard Chancellor e James Duforth. Além da "pedra magnética,," serviam-se de mapas desenhados pelo navegador veneziano Sebastião Cabot, nessa época primeiro piloto de Inglaterra. Embarcaram em Deptford, em Maio de 1553. Apenas Chancellor regressou da longa e tormentosa viagem, sem que houvesse logrado alcançar a China. Trazia, porém, um tratado comercial com a Rússia.

Narrativas de fantásticas aventuras embriagavam, então, a mocidade. O mar era a



Fustigado pelos «blizards» ásperos e glaciais do Polo, o piloto perscruta cuidadosamente o horizonte. A distração dum minuto é a morte.

tentação maior. “Bem-aventurados os audaciosos, porque eles herdarão a terra,” — diziam os ingleses. Sempre e cada vez mais aventureiros largavam de portos britânicos em busca de glória e de fortuna. O mais célebre de todos foi Francis Drake, no reinado de Isabel. Aos vinte e dois anos, comandando o navio “Judith,” Drake combateu, ao lado de John Hawkins, no Golfo do México. Em geral, para o marinheiro da época da rainha Isabel, as explorações resultavam incidentalmente da aventura. Drake, depois de contemplar o Pacífico do cimo de uma árvore, no istmo de Panamá, voltou a Inglaterra decidido a percorrê-lo. Equipou cinco pequenos navios — pouco maiores do que os actuais salva-vidas dos grandes cruzadores — e largou, rumo a Cabo Verde, em 13 de Dezembro de 1577. Em Outubro do ano seguinte, quando Drake atravessou o estreito de Magalhães, só um navio restava da sua frota — o “Golden Hind.” Dois anos e dez meses após, fundeu em Plymouth Sound, ponto de partida. A rainha Isabel armou-o cavaleiro e ordenou que o “Golden Hind,” fôsse conservado como monumento nacional.

Combateu mais tarde contra a Armada Espanhola, e veio a morrer no Mar das Antilhas, em 1596.

O espírito da aventura, que então nascera na Inglaterra, existe ainda hoje. Fortes cadeias espirituais ligam os exploradores do tempo de Isabel a Nungo Park, James Cook, sir Edward Shackleton...

O capitão Cook navegou três vezes em torno do globo e explorou completamente o Pacífico. A ele se deve a “primeira pedra,” do Império britânico na Austrália e na Nova Zelândia. A maneira como tratava as tribus selvagens revelou bem como ele era o mestre naquele género de diplomacia de que os ingleses são os mestres. Raras vezes empregou a força para exercer domínio: conseguiu os seus desígnios com tacto especial e doçura.

Mas, sem dúvida, o maior explorador



No fundo branco dos geloos eternos projecta-se a silhueta esbelta d'êste navio prisioneiro da Natureza. É o «Terra Nova», do capitão Scott, bloqueado na imensidade das regiões antárcticas

que a Inglaterra conheceu, foi o escocês David Livingstone. Durante trinta anos percorreu uma terça parte da África, do Atlântico ao Índico. Estudava os costumes dos indígenas habitando as suas cabanas e compartilhando as suas alegrias e tristezas. Ainda hoje as tribus da África Central, cujos antepassados conheceram Livingstone, veneram a sua memória pela doçura e amizade com que sempre as tratou. Só há exemplo semelhante entre os portugueses, como Capêlo e Ivens, cuja vida de exploradores e colonizadores é dos mais flagrantes baluartes duma civilização.

Também as brancas regiões polares arrastaram os ingleses à aventura.

O capitão Scott, o mais célebre explorador polar da Inglaterra, morreu com Wilson e Bowers numa pequena barraca de campanha, em 29 de Março de 1911. Voltava, então, do Polo Sul, e encontrava-se apenas

a dezassete quilómetros do campo que lhe servia de base. Mas nunca faltaram homens que quizessem seguir na peugada de Cook, Park ou Scott. Em 1938, a expedição inglesa Graham, após uma estadia de dois anos no Polo Sul, descobriu o estreito a que deu o nome de “King George VI Sound.” Quasi simultaneamente, um grupo de exploradores britânicos, chefiado pelo notável remador de Oxford, dr. Haig Thomas, descobria, no Polo Norte, uma ilha com mais de quinhentos quilómetros quadrados.

Estas duas expedições trouxeram para a Europa uma notável documentação sobre o clima, as correntes marítimas e a vida nas regiões polares. Quando a expedição antártica voltou a Londres, donde havia partido dois anos atrás, a paz tinha dado lugar à guerra, e todos os seus membros se alistaram na Marinha Real.

Jonh Fuller

PORTUGAL E LORD BYRON

por Afonso Lopes Vieira



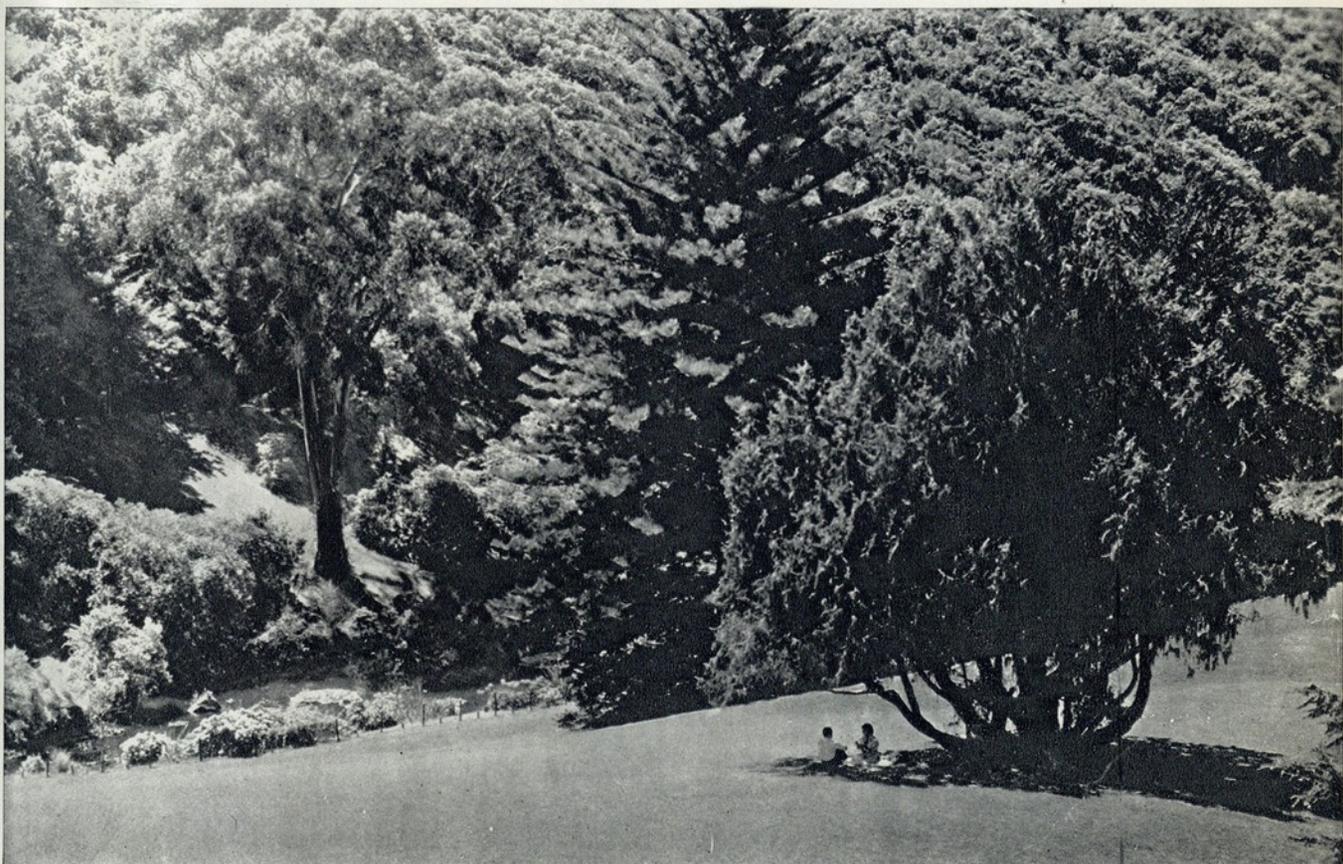
LORD BYRON

A nossa sensibilidade portuguesa sangrou com as injúrias do grande romântico, mas nunca as contrabalançou com as homenagens que êle nos rendeu. E, sobretudo, nunca atentou na emenda que Byron fez em nota nas edições posteriores do *Cavaleiro Haroldo* à mais grave e mais injusta acusação lançada aos portugueses. "Pintei os portugueses tal qual os vi; mas, desde então, fizeram progressos, pelo menos na coragem; isso é evidente.,,"

A Guerra Peninsular revelou-lhe o que não pudera ter visto na paz. Essa emenda absolve o maior crime do poeta para connosco. Ninguém esqueceu as injúrias de Byron, mas poucos repararam no que lhe devemos como portugueses. A celeridade universal de Sintra a êle se deve. Foi nessas estâncias do *Cavaleiro Haroldo* que o *Eden glorioso* começou a ser celebrado no Mundo. Êste sentimento íntimo de gratidão existia em todos os visitantes intellectuais de Sintra,

que faziam do Lawrence um lugar de peregrinação. Mas foi para a Poesia Portuguesa que Lord Byron desabrochou a mais pura sensibilidade da sua alma. Camões era para êle o poeta que *não tinha a vã, fingida chama*. Assim o diz no versos da oferta das obras do Poeta a uma senhora. (Não deixa de ser curioso que tenha havido e haja portugueses para os quais a chama de Camões é fingida e vã). Êsse encanto de Byron pela nossa poesia revelou-se ainda na versão da quadra popular *Chamaste-me tua vida*, que vem nas suas obras e o título *From the Portuguese*. Foi certo nesta versão que Musset a conheceu para a traduzir no seu *Fantasio*, fazendo confessar a um personagem dessa comédia que nunca dizia tais versos *sem ter vontade de amar alguém*.

Em summa, a minha sensibilidade de português absolve Byron — em homenagem a Camões e ao lirismo imortal do nosso Povo.



A floresta opulenta recobre tudo com os seus gigantes centenários, onde há espécies da flora de todo o Mundo

O último dia da Exposição



Foi Visão, Sonho e Realidade. Foi Altar florido onde se lia o Evangelho das Descobertas. Foi Sacrário que guardava dez Séculos de História. Foi túmulo vivo de ráticas virtudes. Foi Passado heróico e Presente confiante. Foi Conto nunca contado e História jãmais esquecida. Foi prece ao céu erguida... E Orgulho, Virtude, Fé magnãnima e Sofrimento, Ambição, Alegria e Dôr. Foi Contraste e Harmonia... É Portugal de todos e de cada um de nós. Dos que foram, dos que estão, dos que hão-de vir.

A mão do Homem ergueu-a. A memória guardou-a. Desfez-se o sonho. Ruíram as pedras pela mesma Vontade e mão que as juntaram. Ficou a Realidade. Rasgou-se o livro. Ficou o conhecimento da lição aprendida. Aqui, exaltou-se a bravura indómита dos companheiros de Afonso Henriques. Além perpassa um frémito de Epopeia. Ecos de vozes, de comando. Fervores de Evangelização. Alucinações de carnagem. Arfar de peitos heróicos violentados a luta feroz... F mar em quietude de lago onde se baloiçava o retábulo doirado de uma Caravela...

Poucas horas faltam para o encerramento da Exposição do Mundo Português. Deixemos as pedras seguirem o seu destino e aproximemo-nos dos homens eternos buscadores da Felecidade. Dos que ganharam, aqui, o pão dos seus. Dos que vão amargos em busca de outros rumores. Dos que saiem confiantes... Não teria este cenário de maravilha enlaçado Almas, numa Paz bendita de Eterna Beleza?...

Este sorriso triste diz-me que não... Desenganos de bem sentir?

— Não. Foi o "Senhor Roubado", que tem suas horas contadas...

— A tua vida?

— Não sei. Vou-me casar. Ele é porteiro e vai meter os seus papéis para polícia.

— ?!

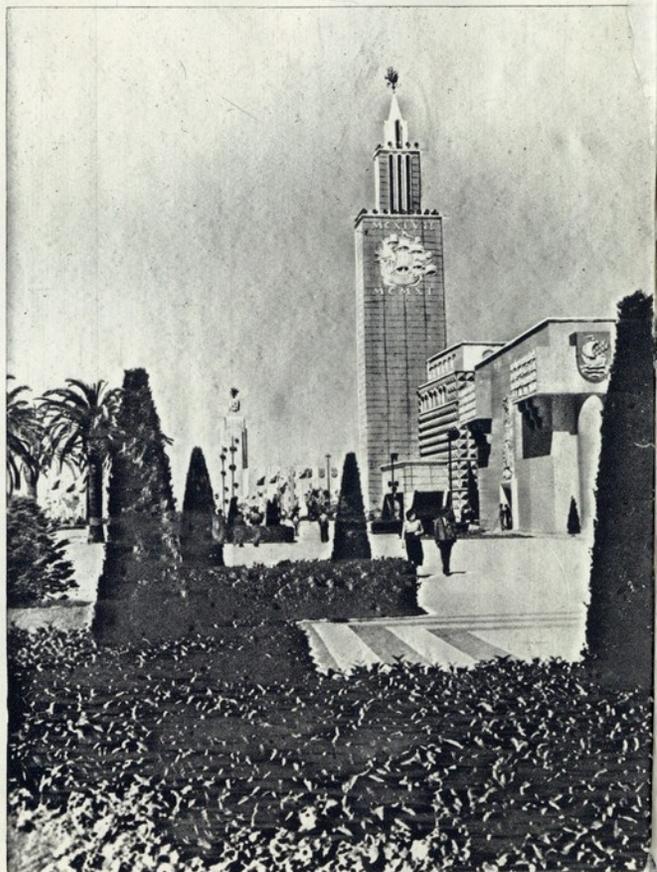
— O que julga? Rapaz bem comportado com lume no olho e homem sério. Penumbra. Na Esfera das descobertas pressentem-se beijos de namorados que seguiam «atentamente» a róta de Diogo Cão, a viagem de Bartolomeu Dias... Triste ideia a do batôn.

Inverno. O Pinguim de madeira tem o ar desolado de quem perdeu a noite...

Oleiros. Pescadores. Setenta anos. Lutas com o mar. Lutas com a mulher que tinha mau gênio. Uma heroicidade ignorada e um sorriso satisfeito.

Aldeias... Coração do Alentejo. Andam no ar canções. A terra cheira a pão e está batida por chinelitas airosas, na róta do bailado...

Nuvens. Uma ponta de melancolia, trazida na dobra do aguaceiro que se avisinha no céu turvado, onde se repetem écos de canções perdidas no ar.



Fernando Calixto



A Rainha Isabel de Inglaterra, visitando os feridos em convalescença num hospital dos arredores de Londres



O «cavalheiro» indiscreto que lê por cima do ombro da senhora



O «cavalheiro» que pára o homem apressado para lhe pedir lume



O «cavalheiro» que, sem pedir licença ao vizinho, disfruta a leitura do jornal

OS IMPERTINENTES

VIVEM na roda da nossa simpatia. Trabalham connosco. Moram para os nossos lados. Servem-se do mesmo "eléctrico.". Vamos encontrá-los nos cinemas e nos teatros que têm no cartaz os espectáculos que nos agradam. Frequentam os mesmos "cafés.", que nós outros. Não falham nunca nos sítios onde o acaso ou a necessidade nos levou. Têm o ar indiferente do comum dos mortais. Vestem como todo o mundo. Estão colados à nossa vida. Todos os conhecemos e ninguém lhes sabe o nome.

— São os Impertinentes.

De luvax e monóculo, com ar reinadio, à porta da Brasileira, interrompem o trânsito.

Podes perder o combóio, faltar a horas à repartição, não chegares a tempo ao encontro que combinaste, ser atropelado... morrer! Tudo isso pode acontecer... mas "Ele.", não ficará sem lume. No cinema, desconheceu sempre as vantagens da "coxia.", e ignorou esta coisa banal que se chama pontualidade. Que importam êsses costumes a S. M. o Impertinente? O que importa é que dez, quinze, as vinte pessoas delicadas, respeitosas e submissas se levantem e o deixem passar. "Ele.", não ficará de fora, perdendo o rico dinheirinho do bilhete que não quis utilizar a tempo. Interrompeu e distraiu a tua atenção?

Desviou os teus olhos postos avidamente no écran? Deixa-te "disso.". "Ele.", passou. É o que importa.

No "eléctrico.", estragou-te a tarde. Ias lendo a reportagem da "bola.". Insensivelmente reparaste que o teu "companheiro.", lia uma cena de facadas, nariz fincado no teu ombro e olhos mergulhados no teu jornal. Confessa: queres saber como o Azevedo deixou entrar aquêlê goal?... Está na página oito. Voltas o jornal? Não! Não voltas. Pois se o teu companheiro não leu ainda a cena de facadas que não te interessa!... Tens vontade de sair, de lhe chamar impertinente. De lhe dares quatro tostões. De lhe cederes parte do jornal. De jogares a pancada... Não fazes nada. Já sentiste que a tua irritação era ridícula. E não há nada pior para um homem do que ser ridículo.

Até que enfim! "Ele.", acabou de ler a cena de facadas.

O teu suplício é ainda maior nas reposições de nomeada. Adoras o Marcelino Mesquita. Está no teu feitio romântico. Não te fica mal. Mas "Ele.", vai no encaicho do teu gôsto artistico. Ai aquele monólogo de Amor que tu queres ouvir até final, dito com uma pontinha de sentimento!... É o ouves! "Ele." leva-te a vantagem de o saber de cor e serve-te de "ponto.". Sentes vontade de o trincar. Se fôsses déspota, dize... Tem coragem. Mandavas fuzilá-lo. És parvo. Um déspota não é um carneiro. Fuzila por necessidade ou defesa, não por uma idiotia. Estás a delirar e a ser conjuntamente idiota. O que tens é de ouvir o "ponto..".

No "Rigoletto.", levou a partitura e um lápis. Perdeste a cabeça, a vida, o interêsse. Olhas o palco e não vês. Vês a orquestra e não ouves o que ela toca. A teu lado há esta "coisa.", admirável: um Impertinente... longe daquele sítio. Noutro mundo. Mas inexplicavelmente a teu lado, de lápis em riste e de partitura sebenta nas unhas, regendo com o ar compenetrado de quem tem responsabilidades de chefe de orquestra. Tu odeias os impertinentes...

Olha cá: nunca fizeste uma pergunta ociosa e nunca te esqueceu a caixa dos fósforos?...



O «cavalheiro» chega tarde ao teatro e incomoda tôda uma fila de espectadores

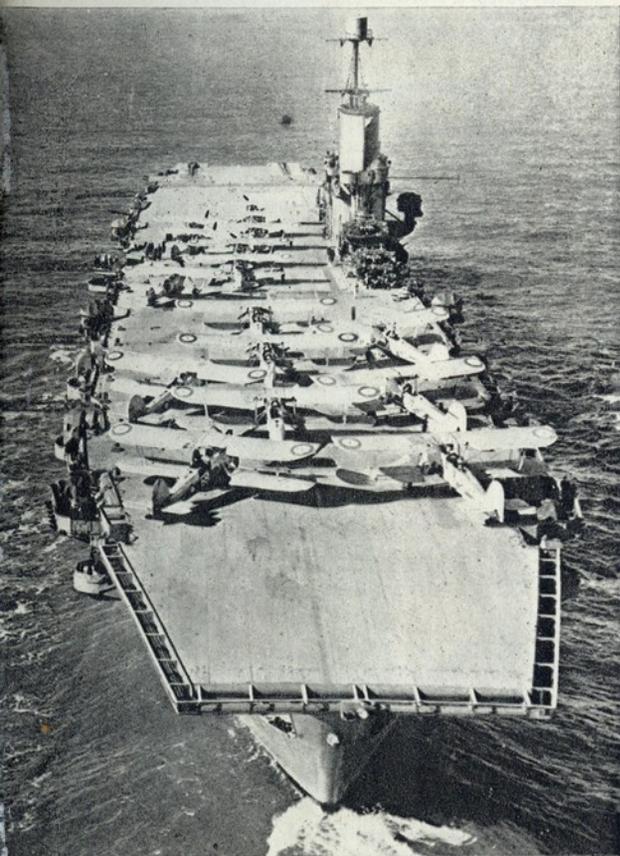
**O
DOMINIO
DOS MARES**



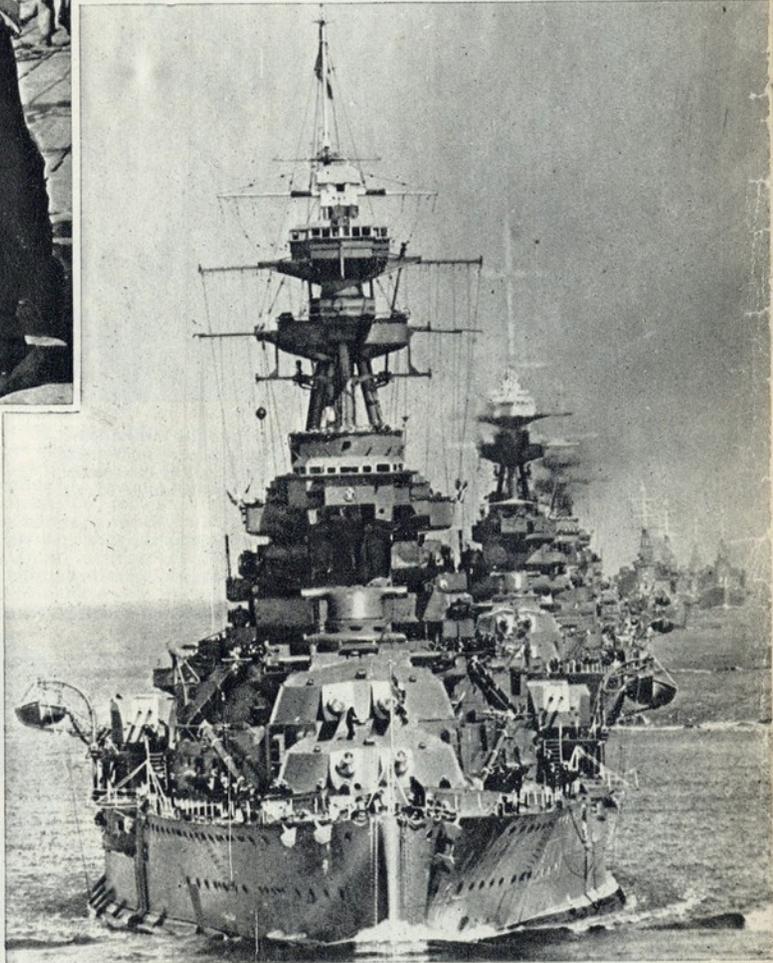
Regulando um anti-aéreo de um destroyer inglês



Vigiando o céu, a bordo duma unidade da Marinha Britânica



O porta-aviões "Ark-Royal"



Uma divisão britânica de cruzadores de batalha



O "Malaya" em cruzeiro no Mediterrâneo

A CAMPANHA ANTI-SUBMARINA

ESTAMOS em presença da mais violenta ofensiva submarina desta guerra, se bem que nos encontremos ainda muito longe dos dias críticos de 1917.

Não deixa, por isso, de ser interessante, neste momento, fazer uma rápida revisão de coisas passadas e presentes.

Jellicoe foi, na outra guerra, o homem que teve na Grã-Bretanha, a visão perfeita e serena da ameaça que se desenhava e que muitos não queriam ou não sabiam ver. Em 29 de Outubro de 1916, a bordo do seu navio-almirante «Iron Duke» — o mesmo de cuja ponte conduzira, cinco meses antes, a British Navy à vitória da Jutlandia — Jellicoe escrevia para o Almirantado um documento histórico, mercê do qual, talvez, a Inglaterra nunca sentiu os horrores da fome.

«A ameaça submarina — dizia êle — constitui o problema mais urgente do momento».

E acrescentava firmemente:

«Há razões para crer que as nossas perdas tenham, em princípios de 1917, consequências tão graves para o reabastecimento dos países aliados, que nos obriguem a aceitar condições de paz que não seriam conformes nem com a situação militar nem com os nossos desejos».

E' uma tradição falar assim em Inglaterra. Jellicoe, como bom inglês, mantinha a tradição. No seu extenso documento, o grande almirante preconizava um certo número de medidas cuja adopção se tornava inadiável para fazer frente à situação. Esta atitude valeu-lhe, não a indiferença de chefes despeitados, mas o ser imediatamente chamado a Londres e nomeado Primeiro Lord Naval, com o encargo especial de organizar a contra-ofensiva submarina.

O que se passou depois, até ao dia 11 de novembro de 1918, é do conhecimento dos leitores.

O Verão e o Outono de 1940 trouxeram-nos, efectivamente, o período mais duro da campanha submarina desta guerra. Os alemães anunciam perdas inímitas em cifras demasiadamente elevadas, pois nem sempre é possível controlar se o objectivo foi inteiramente destruído ou apenas avariado, mas os próprios números bri-

tânicos, revelam, todavia, a existência de uma crise da navegação comercial aliada.

Há quem se mostre impressionado ou pretenda impressionar os outros com um facto que, além das suas verdadeiras proporções, ninguém tenta iludir ou mistificar.

Que perdeu a Inglaterra até hoje em navios de comércio? Dois milhões de toneladas? Dois milhões e meio, mesmo, se quizerem?

Pois bem. Lembremo-nos de que a Gran-Bretanha começou a guerra com uns catorze milhões de toneladas, acrescidos até agora de mais seis ou sete milhões provenientes de navios noruegueses, holandeses, belgas, alguns franceses e dinamarqueses e, há poucos dias, de mais dois milhões que a Grécia pôs à sua disposição, mercê da iniciativa italiana contra êste país.

Os números britânicos dizem-nos que, até hoje, as frotas mercantes aliadas perderam, devido à acção inimiga, três milhões e seiscentas e trinta e cinco mil toneladas, dos quais dois milhões, sensivelmente, navegavam sob pavilhão inglês.

O ano crítico da Grande Guerra foi o de 1917, em que as frotas aliadas perderam, segundo o «Lloyd's Register», nada menos de seis milhões e trezentas e cinquenta mil toneladas.

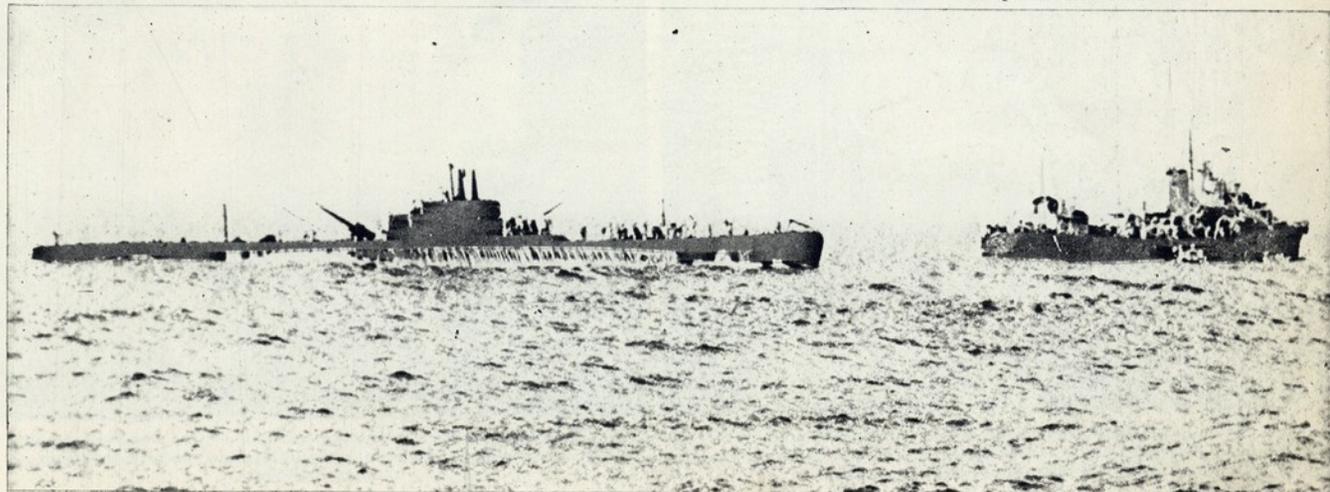
Nos quinze meses da guerra actual, os aliados sofreram, portanto, apenas metade das perdas que tiveram nos doze meses da campanha submarina de 1917. Se atendermos a que a situação dos aliados é hoje, como se vê, mais desafogada do que era então, e se considerarmos ainda a venda, em grandes lotes, de vapores americanos e a produção, nunca excedida através da História, dos estaleiros ingleses e canadianos, não teremos dificuldade em acreditar que, em determinados portos da Gran-Bretanha, há centenas de vapores amarrados, aguardando a necessidade, ainda não verificada, de serem utilizados no abastecimento da ilha britânica.

Por isso nos convencemos de que o *handicap naval* com que a Inglaterra começou a *corrida de 1939* garante-lhe a chegada à meta, antes que outro concorrente, por melhor que seja, a possa ultrapassar.

Maurício de Oliveira



O almirante de esquadra *sir Dudley Pound*, Primeiro *lord* naval, é o homem que orienta hoje a campanha anti-suhmarina





Regresso de um bombardeiro da Royal Air Force. O "raid", foi longo, mas os aviadores regressam satisfeitos com os resultados obtidos. A tripulação sai da carlinga e o piloto-chefe troca impressões com os outros elementos da equipa. Foi assim que, numa noite, a ilha de Sylt, no Mar do Norte, foi violentamente bombardeada



A defesa dos navios ingleses contra os aviões inimigos. Uma metralhadora quádrupla, anti-aérea, está sendo carregada. As quatro bocas de fogo despejam milhares de balas por minuto



Um prisioneiro alemão. Depois de um longo "raid", através do Mar do Norte, o avião deste piloto foi abatido, quando tentava atravessar as linhas da defesa



A guerra em África. Um oficial aviador italiano, feito prisioneiro pelas tropas australianas, é conduzido ao comando militar com todas as honras inerentes ao seu posto



A Escócia está fortemente defendida. Uma peça de artilharia é colocada em posição. Os soldados, num esforço magnífico, arrancam-na do terreno lamacento



A perseguição aos submarinos alemães. Unidades da Armada Real inglesa lançam bombas de profundidade, enquanto os aviões, olhos penetrantes, vigiam se o alvo foi atingido



Num aeródromo secreto inglês, o chefe de pista com um aparelho luminoso de sinalização em que é utilizado o alfabeto "Morse", indica a uma patrulha de "Hurricanes", a direção de aterragem



A coragem dos habitantes de Londres. Após um bombardeamento, os bombeiros e a população removem os destroços. Entre as ruínas, a bandeira inglesa flutua orgulhosamente



Um monumento adiado

O HOMEM DA PAZ

NEVILLE CHAMBERLAIN morreu. Foi o «homem da paz» e, à força, foi também homem de guerra. Quando a sua tenaz diplomacia, dirigida em favor do sossego absoluto dos povos, levou o mundo, por gratidão, a desejar memorar-lhe o gesto de qualquer modo permanente, Portugal pensou erguer-lhe um pequeno monumento. Um diário alfacinha abriu uma subscrição com êsse fim, entre as «Mães Portuguesas», agradecidas. E por um triz que essa glorieta em mármore e bronze se erguia, se a modéstia de Chamberlain não o impedisse. Aproveitando-se a oportunidade dessa comovida idéia, aquêlê monumento ia tornar-se mais amplo no seu significado, comemorando a velha aliança anglo-portuguesa e, para isso, fôra escolhido propositadamente o jardim em frente do Ministério dos Estrangeiros, nas Necessidades. Os artistas que deviam concebê-lo e levantá-lo, foram escolhidos, chegando a ser estudado o respectivo projecto. O busto do ministro britânico encimaria um plinto de honra, diante do qual duas figuras femininas, simbolizando as nações amigas, perpetuariam a lealdade de antiqüíssimos tratados. De braços entrelaçados, seguravam uma glava enterrada no chão, com firmeza, mas socegada, na qual se enroscavam folhas de oliveira e de louros. Cada uma dessas estátuas apoiava-se aos escudos armoriados e nacionais. O arquitecto Pardal Monteiro fôra encarregado de enquadrar estas esculturas numa engenharia magestosa. As «Mães Portuguesas», porém, houveram outra memória do político, deveras simpática, numa Maternidade de Lisboa, com o leito Chamberlain, que substituiu aquêlê monumento. Recordando tudo isto, publicamos hoje um croquis daquele monumento, projectado e adiado, da autoria do ilustre escultor Diogo de Macedo.

O Palácio da Independência

SOAM clarins. Rufos de tambores gritam arrogâncias de marcialidade. Bandeiras desfraldadas, ondulantes, com frémitos de orgulhosa altivez.

— Silêncio! É Portugal que passa. Portugal de ontem. Portugal de hoje. Portugal de sempre.

A Mocidade desfila, cabeças erguidas, olhos postos no futuro, transmitindo a tudo e a todos o vigor da sua juventude magnífica.

Vão encerrar-se as comemorações do Duplo Centenário. Aproxima-se a data gloriosa da Restauração da Pátria Portuguesa. A cerimónia de domingo passado foi a abertura da apoteose de amanhã. 1.º de Dezembro. Espadas desembainhadas, onde o sol se reflecte em auréolas de luz. Plumas agitadas ao vento. Cabeças descobertas. Um joelho em terra. Uma oração. É Portugal que renasce.

O histórico palácio da Independência é património da Nação. Foram os filhos de Portugal que o Brasil abriga que no-lo ofertaram, num gesto magnífico de harmoniosa comunhão de ideais pátrios.

É da Mocidade Portuguesa o palácio da Independência. Portugal entrega-o, simbolicamente, à sua guarda. Portugal confia na mais bela expressão de vitalidade dum povo — a unanimidade do pensamento, a energia e a coragem indómitas, o vigor espiritual e físico dos seus filhos mais jóvens.



Foi por esta porta, que na manhã de 1640, João Pinto Ribeiro e o Conde de Almada, de espadas nuas, gritaram: Viva Portugal!

AS FORTALEZAS DE AÇO

ESTA é a guerra do aço, por excelência. É a guerra dos equilíbrios dinâmicos que só as subtilezas da ciência destroem. É a guerra da força pela força traduzida em fantásticos poderes resistentes a que se opõem apocalípticas capacidades ofensivas. Os ataques lançados pela Alemanha evidenciaram a importância vital dos "blindados," na guerra moderna. Os tanks alemães, apesar das enormes perdas que sofreram, operaram com êxito em consequência das suas excepcionais características de velocidade e superioridade numérica. No entanto, a qualidade dos materiais utilizados no seu fabrico varia desde aquele que pode considerar-se "bom," até o conhecido pela designação de "ersatz." Foi o número que anulou as deficiências materiais, durante as acções militares contra países quase totalmente desprovidos de "blindados," e de armas anti-carro. Na nomenclatura do material de guerra inglês, não existe termo equivalente a "ersatz." Não é de hoje nem de ontem que os aços ingleses são reconhecidos como os melhores do mundo. Isto significa que a resistência das blindagens protectoras das fortalezas estáticas ou dinâmicas da Gran-Bretanha é inigualável. Este facto é de importância capital na guerra moderna, tanto mais que o êxito de um ataque feito por "blindados," a uma posição fortemente defendida depende da resistência das couraças dos projecteis das armas automáticas. No Exército inglês, um batalhão de tanks de uma unidade blindada é constituído por três companhias com um efectivo de 48 tanks de infantaria, três tanks ligeiros, além de grande número de veículos mecânicos para serviços administrativos, carros ligeiros, camiões, motocicletas, etc. Os tanks ingleses resistem aos projecteis de todas as armas da Infantaria e até mesmo ao fogo da artilharia de campanha. Deslocando-se a uma velocidade de oito milhas horárias, os tanks pesados britânicos podem, se fôr necessário, acelerar a marcha até velocidades superiores a vinte milhas. Além dos tanks pesados, o Real Corpo de Unidades Blindadas tem ao seu serviço esquadrões de tanks ligeiros e médios, de assalto. Os primeiros, destinados essencialmente a operações de reconhecimento, têm também características de manobrabilidade e rapidez que permitem a sua utilização em operações de envolvimento; os outros, cuja concepção se revestiu de particular dificuldade a fim de harmonizar a mobilidade com a resistência das blindagens, potência motriz e ofensiva e espaço para as equipagens, são empregados, especialmente, no ataque a posições com grandes recursos defensivos. A enorme reserva de potência motriz, aliada às grandes dimensões das "chinelles," propulsoras, permite-lhes fácil progressão em todos os terrenos a velocidades que variam entre 25 e 40 milhas horárias.

Por mais poderosas que sejam, todavia, estas terríveis máquinas de guerra, tornam-se praticamente inúteis, se as respectivas tripulações não forem sólida e inteligentemente preparadas. Os seus homens devem ser recrutados entre os mais robustos e sujeitos a um treino intensivo. A Gran-Bretanha possui hoje um dos melhores exércitos de blindados, graças aos seus fantásticos recursos em matérias primas, à sua prodigiosa indústria metalúrgica servida pelas ligas metálicas mais resistentes e à rigorosa preparação física e militar dos seus homens.

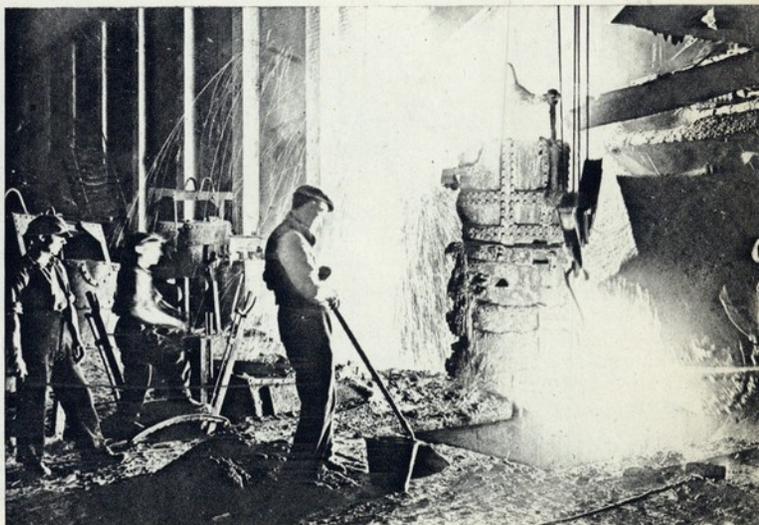
Johnson Clay



Um «cookney» numa fábrica dos Midlands. Na viga de aço, um perfurador eléctrico abre o lugar dos rebites



esfôrço da guerra. Um peça de aço, ainda incandescente, recebe o primeiro trabalho do operário que a contorna rudemente



Uma pisão dantesca. O aspecto de um auto-forno inglês no momento em que o aço, lá em fusão, entra nos moldes



Aguardando a entrada



Uma aula de inglês

O PAPEL CULTURAL DO INSTITUTO BRITÂNICO

PORTUGAL e Inglaterra, ligados há séculos por laços de amizade e interesses políticos, estão agora unidos no campo intelectual, por uma instituição creada no nosso país, pelo British Council, a pedido e sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura.

Trata-se do Instituto Britânico em Portugal, inaugurado em 1939 pelo Chefe do Estado e por Lord Lloyd, presidente do British Council e actual Ministro das Colónias inglês.

A acção desenvolvida por esta instituição é deveras notável. Dentro do programa estabelecido, tem realizado importantes manifestações culturais, promovendo conferências, espectáculos, exposições e sessões de estudo, que têm servido para tornar conhecida, no nosso país a cultura inglesa.

Uma das funções do Instituto Britânico é promover em Portugal, o estudo da lingua, literatura, arte, história, filosofia e costumes ingleses, exactamente como a Anglo Portuguese Society, em Londres, e com a qual mantém as mais estreitas relações de reciprocidade, procura tornar conhecida, em Inglaterra, a cultura e os costumes portugueses.

Na sua séde, instalada num velho palacete da travessa André Valente, mantém o Instituto Britânico um curso de lingua e literatura inglesa, ministrado por professores ingleses com cursos superiores, e que é frequentado por alunos de todas as categorias sociais, desde o médico, advogado, oficiais do Exército e estudantes

universitários, a simples empregados de comércio e outros de profissão mais humilde. Na Biblioteca, instalada no salão nobre da sua séde, de carácter geral muito embora, mas onde a literatura inglesa ocupa nela o principal lugar, figuram as mais belas obras literárias e científicas e algumas raridades bibliográficas. O movimento d leitores, constituídos na sua maioria por alunos das faculdades, liceus e dos cursos do Instituto, é de cerca de 50 por dia, sendo o número de volumes cerca de 3.500.

O Instituto Britânico em Portugal, mantém com os organismos portugueses, oficiais e particulares, a mais estreita colaboração, concedendo bolsas de estudo para professores da lingua inglesa, prémios aos alunos dos cursos de inglês, e promovendo nas Escolas e Faculdades horas de cultura luso-britânica.

Para a realização da sua obra cultural, tem o Instituto Britânico recebido o mais decidido apoio e a colaboração do Instituto para a Alta Cultura, Secretariado da Propaganda Nacional, Universidades, Faculdades e Liceus, em alguns dos quais tem creado Salas Inglesas e cursos livres. Os organismos particulares, como a Academia das Ciências, Sociedade de Geografia, e outros, tem colaborado também nesta utilíssima obra cultural.

Desta forma, o Instituto Britânico, sem nunca se afastar do fim para que foi creado, tem desempenhado nos dois anos da sua existência, um papel altamente importante na aproximação cultural dos dois povos.



Cinco horas. No salão de chá



Na biblioteca



O velho Islam ao lado da Inglaterra. Alguns soldados árabes, filhos do deserto, com os seus característicos turbantes



O marechal do Ar, Sir Arthur Longmor, passa revista aos aviadores de uma esquadrilha da Real Fôrça Aérea do Egipto



Na fronteira da Transjordânia. Um árabe, num magnifico cavalo de raça, toca o clarim de guerra



Enquanto o Inverno da guerra assola a Europa, no vale de Nilo há um sol de Primavera. As uvas são boas

Começa o deserto. Nuvens sombrias. Terra incandescente. Eis uma patrulha de cavalaria com oficiais ingleses e árabes em vigilância

Sport



As portuguesas já fazem desporto. Uma operária dos cursos da F. N. A. T. numa atitude admirável



Uma graciosa estrela recortada de corpos femininos flutuando no meio do mar



A caça, com as suas galopadas nos bosques é uma das grandes paixões femininas

A MULHER E O DESPORTO

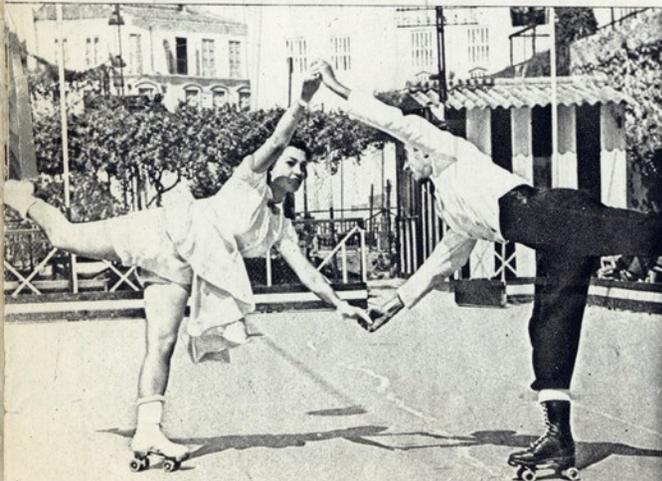
A mulher inglesa — simples, jovial, despretensiosa, baracada, corajosa e livre, é verdadeiro produto da educação inglesa — essencialmente desportiva. A ginástica educativa e, sobretudo, os jogos desportivos — a vida ao ar livre — constitue, realmente, para o inglês, de todas as idades e de todas as condições, uma imperiosa necessidade — da própria vida. Desde o rei, que alternou as suas altas funções com uma partida de *golf* ou de *tennis*, ao mais humilde dos trabalhadores, que depois da labuta diária joga o futebol ou o *cricquet*, há uma perfeita identidade — de espírito desportivo.

Gentleman e *Sportsman* — são, por isso vocabulos equivalentes na mentalidade inglesa, pelo mesmo espírito que ampara ou preside à conduta pessoal, na vida, como no campo desportivo. E tão pares parecem ser, em ideia e determinação, que o *gentle-sportsman* é assim uma espécie de campeão das virtudes civicas e desportivas. E este espírito reflete-se em tudo na vida inglesa: na paz como na guerra; e domina tanto os homens como as mulheres, seja numa partida de *tennis* em Wimbledon, na final do *Cups* em Wembley, no popular *green* do jardim público — ou nos típicos *meetings* de Hyde Park...

E todos os desportos ganham o mesmo amparo e o mesmo culto apaixonado: a frívola pesca, dos contemplativos e dos políticos no ocase da vida; a corrida de cavalos, com o seu *derby* dos *lords* de chapéu alto cinzento e de perfume charuto; o *tennis*, dos eleitos da politica e das letras; o remo, que mantém viva a graciosa rivalidade das formosas universidades de Oxford e Cambridge; o *football* e o *cricquet* do povo; todos os desportos, todos os jogos desportivos, em resumo, possuem tão incondicional culto que, pode dizer-se, não há rapariga ou rapaz inglês que não pratique o seu desporto — à maneira britânica: a sorrir. E, está bem de ver, o sorriso dos ingleses, no desporto, é um perpétuo convite ao *fair-play* — onde repousa toda a ideia do desporto e todo o cavalheirismo inglês — quasi automatizado, à força de ser repetido ou cultivado. A ingenuidade dos ingleses, não está nos seus olhos claros, porque eles são, afinal, apenas uma forma de expressão...

Em Portugal, porém, as cousas são diferentes. Não há na mulher a paixão do desporto, nem a compreensão das virtudes que elle encerra. A' rapariga portu-

UM ESBELTO PAR DE PATINADORES NO RINK DO ATENEU



O ARCO, UMA ARMA ANTIGA QUE O SPORT ACTUALIZOU





Uma «figura» brilhante de patinagem portuguesa. «Ela» será um dia a rainha dos gêlos



A mulher moderna pode amanhã vir a ser um soldado nestes tempos de guerra total

guesa parece mal correr, saltar, nadar, jogar o tennis — fazer desporto. Há — ou tem havido — uma tão manifesta incompreensão que aquelas raparigas que primeiro entraram num campo do desporto, para jogar o hokey, nadar na praia ou na piscina, patinar na Serra, pareceram logo as suas colegas de saia pelo tornozelo um pouco desarranjadas do juizo... É justo dizer que, presentemente, a mentalidade das raparigas — e sobretudo dos educadores e dos pais — tende a modificar-se a passo largo. A ginástica, sobretudo, vai criando adeptos e dia a dia aumenta o número de concorrentes às provas desportivas. Marchamos devagar mas caminhamos. A Mocidade Portuguesa, inegavelmente, tem desempenhado uma acção notável e absolutamente meritória na difusão do gesto ou do hábito da ginástica ou dos jogos desportivos entre as raparigas em idade escolar, até porque teve a verdadeira arte de tizar a essas actividades o ar monotonu e opressivo da ginástica do liceu oficial, enquadrada num regime que só provoca a indifferença ou a antipatia dos alunos.

A par da Mocidade Portuguesa, mas noutro plano, surge agora a F. N. A. T. com uma valiosíssima iniciativa destinada a difundir a ginástica e os desportos entre as raparigas de fábricas e de oficinas — do trabalho... É ótimo, como idéia. Não há motivos se não para crer que utilísimos serão os resultados a obter.

Está tudo isto, há muito tempo, sobre os resultados generosos das práticas desportivas, tanto na educação física como na formação moral, quando prudente e sobriamente orientadas, procurando colher os bons frutos que elas propiciam e, ao mesmo tempo, impedir todos os inconvenientes que trasbordam da especialização ou das competições inconsideadas. Que assim é, o compreendeu a F. N. A. T. ao dispensar aos desportos todo o seu interêsse, e dispondo-se a utilizá-lo como ajudante da sua acção social.

Registamo-lo com o maior interêsse — e a melhor simpatia. Á primeira vista, é certo, a iniciativa pode parecer exotismo dos tempos presentes. Mas logo que os seus resultados se imponham através da desenvoltura e da graça física das operárias portuguesas, quando elas derem público testemunho — em parada ou exhibição no estádio — dos resultados obtidos, compreender-se-há, então, todo o alcance social e patriótico da iniciativa da F. N. A. T.

FERNANDES DE OLIVEIRA



Uma animada parte feminina de hockey em campo, disputada com ardor

A VELA. O VENTO E A FANTAZIA SÃO SEMPRE IMPREVISTOS



MARIA HELENA DE SÁ E JOSÉ SOARES, ADMIRÁVEIS DE EQUILIBRIO



Figuras e Factos



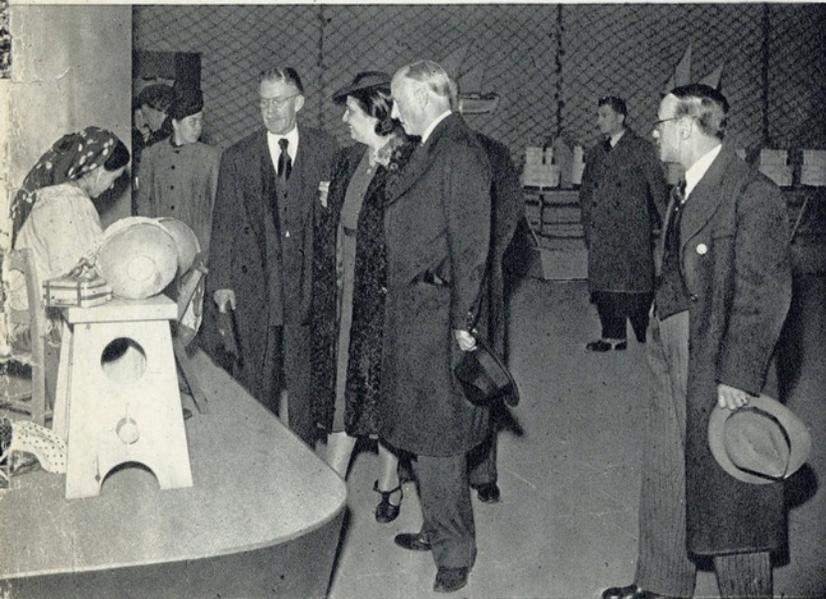
A Infanta D. Felipa de Bragança abandonando a Igreja de S. Roque



Um aspecto da assistência à cerimônia na igreja de S. Roque



O sr. prof. dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, discursando durante a cerimônia da entrega, à nação do Palácio da Independência



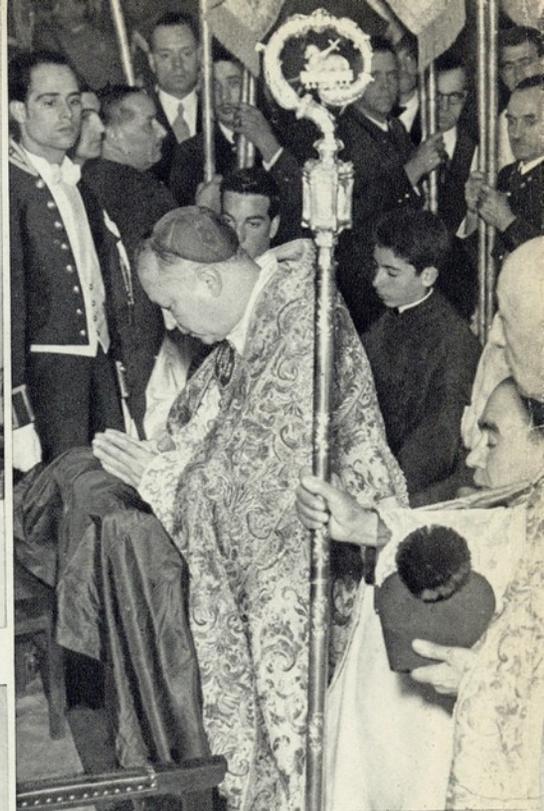
Os embaixadores da Gran-Bretanha em Lisboa e em Madrid, sirs Walford Selby e Samuel Hoare, visitam a Exposição do Mundo Português, acompanhados pela sr.ª D. Fernanda de Castro Ferro e pelo dr. Augusto de Castro



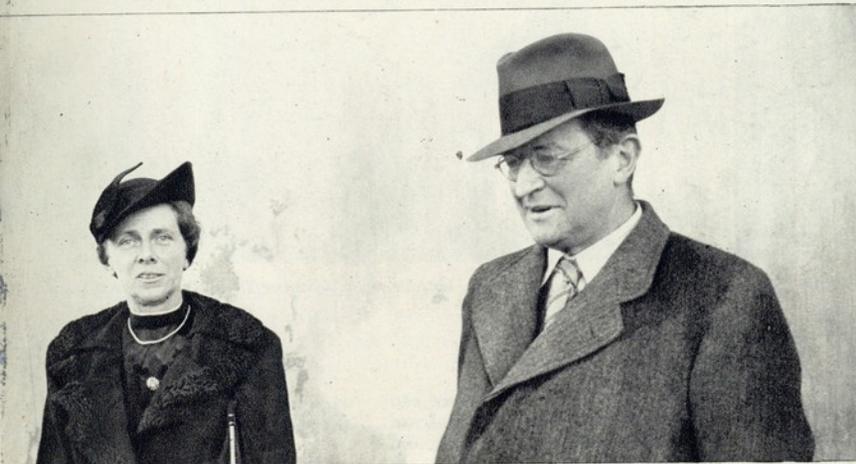
O muro do derrête, um dos mais belos motivos da notável realização dos Bailados Portugueses patrocinada pelo S. P. N.



Os srs. Presidente do Conselho e ministros das Colónias, Finanças e Interior, ouvindo o sermão da «Epifânia»



O sr. Cardinal Patriarca, na igreja de S. Roque, no dia da comemoração do grande orador sagrado português



Lady Selby com Lord Lothian, quando há dias esteve de passagem em Lisboa, a caminho dos Estados Unidos



O compositor Oscar Stauss, que se despede de Portugal



A graça rústica portuguesa, numa linda estilização coreográfica dos espectáculos dirigidos por Francis



O Estádio Nacional está quasi concluido. Um aspecto das bancadas



No cais do Sodré, Uma parada de revistas internacionais



Um leitor impaciente. Qual será a fotografia mais impressionante?

O QUE SE LÊ E O QUE SE VÊ



Na rua do Ouro, a rua elegante, esta senhora escolhe uma revista de modas

Já repararam no mundo que são os quiosques de jornais? Já viram que toda a vida ali se reúne em imagens, em títulos, em frases, em manchas?

Desde o instantâneo da competição desportiva ao minuto dramático duma catástrofe, tudo surge rapidamente diante de nós, num breve panorama do mundo que passa, gravado na capa das revistas, na primeira página dos jornais... Várias e dispares, como são de facto na vida, essas imagens misturam-se e confundem-se numa embrulhada pintoresca. Sob os tremendos canhões dum friso da «Revista de Marinha» aparece, nada receiosa, a frescura trepidante daquela «girl» que vemos em cada capa do «Film-Fun».

Aqui, na «War Illustrated», um desfile em massa de tropas a caminho da batalha; ao lado, uma paisagem tranqüila das «Terras de Portugal», um vale bucólico e sereno onde não chega o ronronar ameaçador das esquadrilhas do «The Aeroplane», voando em formação de cunha num céu muito azul, tão bonito que nem parece ser aquêle mesmo céu que cobre, nesta página da «Spheres», o recanto duma aldeia desfeita pela metralha. Imagens de guerra... um friso de «girls» em Palma Beach... um desfile de modas, algum tempo, em Paris...

Depois das imagens, os títulos,

os nomes — nomes que são ordens: «Look» — olhe! — Roosevelt sorrindo ao triunfo; «Life» — vida americana 100%; que são ideias: «Mundo Português», repertório de glórias e sacrifícios, a epopeia do nosso Ultramar em trinta e tantas páginas; «Vértice», a Espanha nova seguindo a sua ideia nova...

Atrás dessa trincheira de imagens da vida, suspensas de régulas de madeira, quasi escondida por êsse muro de pedaços do mundo, está sempre uma cara amável que sabe o que nós desejamos, mesmo quando queremos apenas ler de relance, e de borla, um jornal, folhear uma revista, espreitar o mundo pelo buraco da fechadura... A's vezes, aproximamo-nos só para lêr aquêles títulos que são para nós saudações indispensáveis, mal pomos pé no Rossio: «Século», «Novidades», «Notícias», «A Voz», «Século-Ilustrado», «Diário de Lisboa», «Stadium», «República»... e então parece que ouvimos também o «Daily Express» cumprimentar, jovial, o «A. B. C.» carrancudo, como um diplomata em disponibilidade, que nos chega aos ouvidos o desfecho dum sketch do «London Opinion», a ironia subtil dum «Punch»...

Os quiosques de jornais, montras da vida mundial em Lisboa, são as salas de conversa do mundo que passa...

auxiliar-me. É uma pessoa bem colocada, com negócios no Brasil. Há meses socorreu-me também num momento de aflição, como também, em outros momentos difíceis, me socorre de velhas amizades. A miséria envergonhada, sr. Director, é a pior. Bate-se, com grande sacrificio a uma e outra porta, e muitas vezes, sem resultado apreciável... Nada vez são mais raras as pessoas, como V. Ex.^a, caritativas, bondosas. Eu bem podia passar os anos que me restassem de vida, acendendo-me a casa de pessoas da minha família: dois irmãos que tenho, bem colocados...

O sr. Director não a interrompia, mas dava-a por tal forma insistentemente, que a ência dela ameaçava tropeçar, enrodilhar-se, esvair-se. "Nunca ninguém a recebera assim, sem palavras, enigmático, de aparência bem disposta, mas um tudo-nada irónico, receia-lhe. Seria das jóias, do rol das suas relações, tudo quanto havia de mais verdadeiro, inclusivé os brasileiros, ou da evocação da sua família? Mas, se não a evocasse, todos a tomariam por pessoa sem eira nem beira...

— É claro como água: casados, como esposas, esses meus irmãos, embora ganhem ravelmente, vivem também com certas dificuldades. E eu, confesso, não me dou bem com as minhas cunhadas: são de outro sangue. Ah! as jóias: é o que me resta, e pretendo conservá-las como recordação de outros tempos. Se as vendesse, o dinheiro gastar-se-ia, e, quando nos apresentamos mal, ninguém nos recebe. São coisas necessárias: faço de conta que não as tenho...

"Seria sempre homem de poucas falas, aquele sr. Director? Nada simpático; cariñoso, sim! que a sua amiga não lhe mentira certamente, mas nada simpático. Que estaria a magiciar, assim calado?..

— Quere V. Ex.^a saber? Ainda, há dias, apelei para eles, para os meus irmãos. Mas estão exaustos. Paga-se sempre mal a quem trabalha e eles não têm tido a sorte de subir nos empregos...

— Eu sei! trouxeram-me informações completas a seu respeito. Não estranhe: entendo que o bem-fazer não deve confundir-se com a fraqueza de espirito. Cometerei uma injustiça se auxiliar, por forma igual, uma pessoa com necessidades, e outra que viva de expedientes. Uma pergunta, se me dá licença: a sr.^a já procurou trabalhar?

Acenando a cabeça, ela aplaudira a parte doutrinária, mas a pergunta afinal desorientava-a. "Onde pretenderia chegar aquele sr.?", — Bem vê! eu sou uma pobre viuva sem habilitações... Que poderia eu ganhar? Duzentos, trezentos escudos? Não chega para viver e não seria digno que eu continuasse a apelar para as pessoas de coração bondoso que me protegem, uma vez empregada. Eu prezo muito a minha dignidade, sr. Director! E se tive a sorte de encontrar uma bemfeitora — a sr.^a em casa de quem vivo — não é decente que lhe pague o favor que me fez, atirando-a à margem. Afinal do que necessita eu? De pequenos auxilios mensais, como dizia na minha carta...

"Que sentimentos agitariam a consciência daquele sr. Director? Ele abria muito os olhos, apertava, primeiro, uma na outra mão, para depois desprender a direita, fazendo-a escorregar, e fitava-a, não deixara, ainda, de a fitar persistente, incomodativamente...

— Quere V. Ex.^a saber? Tentei tudo, até mesmo viver com os meus irmãos. A-pesar-de ganharem pouco, sujeitava-me. Pois a mulher dum dêles, quasi fazia de mim uma serva, eu! que nunca me habituei à cozinha e me

falta a vista para a costura; com o outro, nunca me poderia dar bem: é um unhas-de-fome e queria-me, em casa, todo o santo dia, e eu não posso, não devo abandonar, assim, as pessoas das minhas relações. Eu gosto de trabalhar: distrai, até, mas nunca a sorte me bafejou. Estive, de governante, a servir gente rica, mas quasi arruinei a minha saúde à fôrça de tanto subir e descer escadas. Resolvi, numa tarde, descê-las pela última vez. Noutra casa, ia dando em doida. Calculará V. Ex.^a o que seja aturar quatro crianças malcriadas e sem poder para as castigar?

"O sr. Director esfregava, agora, as mãos, e carregara o parecer, certamente contagiado pelos aspectos dolorosos da sua triste vida e pobres condições de viuva. Abria os lábios, como a procurar palavras, também certamente aquelas palavras de comiserção de quem oferece o seu auxilio mas pretende tirar-lhes todo o ar ofensivo de esmola...

— Acabou a sua história?
"A voz era dura. Mas que importava se acabasse por lhe fixar a mensalidadesinha..."
— Temos abusar da bondade do sr. Director...
— Eserúipulos justificados. Muito boa tarde.

Erguia-se e estendia o braço, em direcção à porta, a despedi-la. Ela não compreendeu, não queria compreender... "Saír, assim, sem uma promessa..."
— Eu espero da sua bondade, do seu bom coração, sr. Director...

— E se deixasse a minha bondade em paz? Não a distribu-o por toda a gente...
— Mas informaram-me... V. Ex.^a, mesmo, mandou a minha casa... Foi porisso que vim... confiada...

— Muito boa tarde!
As palavras são um grito, válvula aberta a (Conclue na pág. 30)



POR MAIS QUE SE PROCURE

Não se encontra em parte alguma um alimento mais completo, nutritivo, saboroso e inofensivo para os rins e intestinos do que o OVOCHOCOLATE

MITZI

que prova com as análises oficiais, como mais nenhum outro consegue apresentar, fornecer ao organismo cerca de 500 calorias

Toma-se quente ou frio — Recurso precioso para caçadores automobilistas e desportistas

Produto português do LABORATÓRIO FARMACOLÓGICO, de J. J. FERNANDES, LTDA. — Rua Filipe da Mata, n.º 30
Agência no Porto: Rua Mousinho da Silveira, n.º 300

VINHOS DO PÔRTO
COCKBURN



(Tipo Vintage)

COCKBURN SMITHES & CO. LTD.
VILA NOVA DE GAIA

Para mais esclarecimentos sobre outros tipos de vinhos dirigir-se aos agentes:

Matos, Melo & C.ª L.ª Rua do Brainer, 64, Telefone 707
PORTO

UMA VIUVA INFELIZ

Novela de Assis Esperança



COM os olhos de perito em avaliação difícil, ela remirou atentamente os dois andares daquele prédio de aparência modesta, sem arreboques, e entrou desembaraçadamente no vestibulo. Antes de se dirigir ao continuo, passou, ainda, os olhos em volta, agradada pelo desafio e arranjo de tudo: a escada larga, portas apaineladas, passadeiras vermelhas...

— O sr. Director está?

Endireitara o busto e adoçara o tom autoritário da voz com um sorriso afável. Ela sabia-o, por experiência própria: não bastava apresentar-se decentemente vestida, jóias: brincos e um anel de formato "antigo", se não de preço, pelo menos de bom-gosto, como, e principalmente, não se intimidar ante aqueles homens cuja missão era afastar visitas importunas, poupando incómodos a quem lhes pagava.

— O nome de V. Ex.^a.

— Não vale o pena. Diga ao sr. Director que é a senhora a quem êle mandou procurar ontem...

— Vou saber se está.

Ela conhecia o sistema. Sorriu, mas duas rugas de enfado acentuaram, a traços fundos, o lugar já marcado para elas na comisura dos lábios. "Sempre queria ver se aquêlê sr. justificaria a sua fama de caridoso e amável, recebendo-a..." — O porteiro, agora em missão de telefonista, reproduzia o recado...

— V. Ex.^a pode subir até ao primeiro andar. Sala à esquerda.

"Recebia-a. Estava em dia de sorte. O resto seria fácil..."

Preparou-se para subir lentamente a escada. Avelhantara-se: curvara o busto e procurava o auxilio do corrimão. "Quem a receberia? O Director ou aquêlê sr. seu acólito ou secretário, que a procurar em casa? — Ninguém a recebê-la..." "Na sala meia dúzia de pessoas à espera..." — Endireitou o busto, os passos readquiriram a firmeza dos seus folgados cinquenta anos. Tomou vez.

"Nenhuma mulher. Pela aparência e impaciências, todos aqueles homens certamente vinham apresentar ou talhar negócios. Seria,

de facto, rico, aquele sr. Director, ou, como lhe dissera a pessoa amiga que lhe falara dêle, tratar-se-ia de alguém que vivia do seu ordenado e subira até àquele lugar à força de trabalho e dotes de inteligência? Não importava muito, averiguá-lo. Que êle se interessava por quem sofria, tinha ela a prova. Escrevera-lhe, servindo-se do seu rascunho de melhor prosa, e êle não se demorara em mandar alguém a sua casa — um velho, segundo a informaram — com a missão de lhe falar. Não a encontrara: ela saíra à sua lida. Mas ali estava para contar a sua triste viuvez, não a supozessem uma falsa necessitada, ela, a quem tanto custava pedir, humilhar-se, dona, como fôra, de casa sua, e vivendo, agora, na alheia por favor duma amiga, e lutando, ainda, não para se alimentar, mas para angariar os meios de prover a outras necessidades de vida que nem só o comer leva dinheiro..."

"Ainda tinha a carta de memória: — Viuva, há anos, e a lutar no meio de dificuldades enormes mas tendo conhecimento de que V. Ex.^a é uma alma extremamente bondosa, aberta de par-em-par aos grandes infortúnios, venho impetrar do seu sensível coração um pequeno auxilio mensal que suavise um pouco a minha vida repleta de sacrificios.

"Rogando a V. Ex.^a a grande fineza duma resposta, antecipadamente agradece a que respeitosamente se subscreve..."

"Informara, em postescrito, que morava, por favor, em casa da sua amiga, para onde êle poderia enviar a resposta à sua solicitação. Não esperara, isso não esperara, que a procurassem pessoalmente, morando ela, como morava, tão longe, nos Olivais, localidade servida por maus combóios e de péssimo horário. Mas procuraram-a! e sentia-se lisonjeada, ela sempre tão modesta, que as suas palavras fôsem assim convincentes..."

O tempo dobara minutos. Foram-se uns, mas outros homens vieram. "Devia trabalhar muito, aquele sr. Director. Múltiplos assuntos a tratar, um rôr de pessoas a receber. Mas, por isso, devia ganhar bem. E, para quem muito bem ganhasse, que custava au-

xiliar quem de auxilio precisasse? Também ela, enquanto o marido vivera, distribuíra esmolas e, ao sábado, nenhum pobre lhe batera à porta, às horas de comer, que não lavasse uns cobres. Ganhara, por isso, na viuvez, a agradável fama de caritativa..."

— Faz favor, minha senhora.

"Chagara a sua vez! Já não era seu tempo. Ia conhecer mais uma pessoa bondosa..." — Curvou-se de espinha, arrastou os passos, envelheceu-se novamente. Pagearam a Abriram uma porta; bateram à segunda...

— Entre! — ouviu-se.

A voz era de registo alto, como de enfado. "Seria algum bruta-montes, aquele sr. caridoso, ou também o havia assim, alguém que defendia a sua alma sensível com arremessos e brusquidades?" — Rebuscou as suas melhores palavras de saudação: — V. Ex. perdõe o incómodo. Sou aquela pobre viuva e confesso-me muito grata pela gentileza com me receber..."

— Costumo receber quantos me procuram.

"Nada amável... Se de cabeça baixa estava, de cabeça baixa ficara a ler... A era a sua carta! Procuraria orientar-se, lembrar-se do seu caso?" — Esboçou o sorriso afável da sua colecção de sorrisos, e ficou esclarecendo:

— V. Ex.^a mandou procurar-me, ontem, directamente por um empregado seu. Não me encontrou. Eu saíra à minha triste vida. Uma pessoa das minhas relações, um velho amigo do meu defunto marido, prometera-

Os apreciadores de VINHO DO PÔRTO bebem

MACKENZIE

Os debilitados preferem o QUINADO

MACKENZIE

MACKENZIE & C.^o
Rua Serpa Pinto 41

VILA NOVA DE GAIA
Portugal

Representante
José Ferreira Lobo

Rua da Madalena 66 s/l
LISBOA — Telef. 2 3769

Acaba de ser pôsto à venda:



REAL FÔRÇA AÉREA

ALBUM DA R. A. F. — A heróica aviação britânica

Os «Caças» que defendem Londres
Os colossos que vão a Berlim
Os «Exploradores» que vigiam o litoral britânico
Os «Escotadores» que acompanham os combóios
Os rapazes que morrem aos 18 anos pela liberdade da Inglaterra

MUITAS DEZENAS DE ADMIRÁVEIS E SUGESTIVAS PÁGINAS
EDIÇÃO DE LUXO COM CAPA A 3 CORES

Edição da "Parceria António Maria Pereira"

cinema



É sempre grato falar dos filmes portugueses e muito mais quando, como no caso presente, se trata de obra feita em moldes novos e rodeada de um ambiente simpático. Referimo-nos a «Pôrto de abrigo» que está a ser terminado nos estúdios da Lisboa-Filme. Dissemos que saía fora do vulgar. De facto, aquela película apresenta um aspecto diferente no cinema português. Sai da norma habitual mais ou menos regionalista e enquadra um assunto ainda não explorado no nosso écran. É a história de uma mulher misteriosa que se refugia em Portugal arrastando consigo a aventura que a rodeia, porque é portadora de documentos referentes a uma diabólica arma disputada por duas potências inimigas.

A-par disso há logicamente uma história de amor. Essa é vivida por dois novos pares que o público português há-de ver no écran com agrado. Trata-se de Elisa Carreira, no papel de «Sonia», que vemos ao lado de Igrejas Cairos, o protagonista do filme, actor que se estreia no cinema e que conta já o acentuado êxito da figura do Padre Setúbal.

PLANOS DE CONJUNTO

No rastro de Zoltan Korda, logo após a sua partida de Londres para o Sudão Anglo-Egípcio, onde dirigiu o filme «As quatro penas», os estúdios de Denham despacharam para aquela região cinqüenta toneladas de equipamento avaliada em 123 mil libras. A carga consistia em 147 caixas, das quais 33 aparelhos de tecni-colorido, 25 de guarda-roupa e 7 de raquillagem.

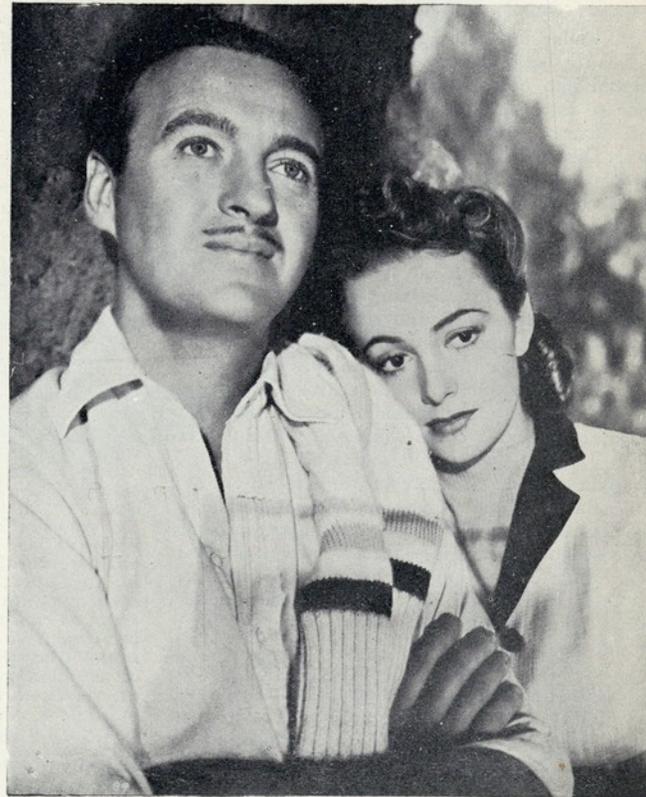
Entre outras coisas excepcionais, a lista incluía quasi um litro de sangue, duas bandeiras rasgadas, dois véus para os cabelos e um dicionário inglês-italiano.

Os leitores deram por estas coisas no filme?

Esta tem certo interesse.

William Wyler, que é indiscutivelmente hoje um dos melhores realizadores de Hollywood, viu-se a braços com um sério problema de lidar com uma galinha que se julgava rival de Marlene Dietrich ou Katharine Hepburn. Foi durante a filmagem de «O monte dos vendavais», obra-prima e sombria que mereceu duas brilhantes semanas de exibição. A cena passava-se num estábulo. Wyler queria que a galinha se conservasse muito quieta, empoleirada por cima de uma mangedoura. Mas a ave não estava pelos ajustes...

Wyler pegou-lhe, então. Acariciou-a, ali-



David Niven, aquele galã inglês que fez ressuscitar a velha moda do bigodinho à Gilbert, é na verdade um dos artistas mais populares entre os nossos cinéfilos. Galã de predicados invulgares, distinto, impodo-se pela sua presença simpática, mas num â-vonidade bem diferente dos galãs americanos, conquistou o nosso público com filmes excelentes como, ainda há pouco, «O monte dos vendavais» e, mais anteriormente, aquela deliciosa comédia com a Ginger Rogers, «Mãisinha à força». É certo que há semanas o tivemos também no écran representando a figura do gatuno amador Rafles, mas nem nós (parece que nem ele mesmo!) gostamos do papel. Sentia-se que não vicia com gôsto o papel desse ladrão elegante, campeão de cricket e homem de sociedade, que lhe impôs o Samuel Goldwyn, produtor desse filme policial sem mistério, o que representa uma autêntica traição ao espírito do espectador sempre disposto a enfrentar o mais complicado enigma que lhe apareça pela frente.

Todavía, não hesitamos publicar esta foto de David Niven ao lado da sempre linda Olivia de Havilland, nessa película, só para lhes dar a notícia de que aquêl galã se encontra a combater em Inglaterra, alistado no exército dos «riflemen».

Muitos são os artistas ingleses que se batem pela sua pátria. Também, o actor John Justin chegou há pouco a Londres, vindo de Hollywood depois de concluída a sua actuação no filme «O Ladrão de Bagdad», cujas últimas imagens se filmaram no Grande Canyon do Colorado.

sou-lhe as penas e colocou-a, de novo, na posição desejada. E, perante o espanto de todos, a galinha ficou sem se mover durante horas a fio. Estava hipnotizada e compreenderam, então, o motivo porque o famoso director exerce um domínio absoluto sobre os seus artistas.

Isto do cinema tem coisas que chegam a parecer impossíveis!

Imagine-se o contra-senso que há neste facto: Joseph Colleia, de anarquista passou a padre. Em «Cinco devem viver» fazia o papel de extremista condenado à morte. No filme seguinte «Full Confession», aparece como um padre protestante de grande bondade...

UMA VIUVA INFELIZ

(CONCLUSÃO)

enervamentos. Ela piscou os olhos, surpreendida, mas encaminhou-se para a porta, não a expulsasse êle, abusando da sua indefesabilidade de mulher sem ninguém no mundo, pobre viuva sem família, sem um homem que a impuzesse...

— Eu vou, sr. Director, eu vou!

O andar tornara-se ligeiro, erguera a cabeça a desafiar meio mundo. Baixou-a, porém, de envergonhada, quando atravessou o corredor para onde se escancarava a porta da sala de visitas — “não tivesse ouvido quem esperava ali, o grito do sr. Director. E era *aquilo*, um homem de bom coração!

“Compreendia-se lá que a expulsassem! Ela não roubava; pedia. Gostava de saber como pretenderia aquele sr. que visse uma pessoa com os princípios que ela tivera. O problema da verdadeira pobreza: a envergonhada, aquela que vivia insuperáveis dificuldades porque é a mais dispendiosa... aquela que necessita de calçar-se, de se vestir decentemente para que não lhe fechem a porta as amizades de outros tempos, senhoras a quem acompanha a um e a outro cinema, a um ou a outro chá, como o resolveria êle? Queria talvez que andasse róta e nua! Se tôda a gente fizesse como aquêle sr. ... se, por cada carta que escrevesse, alguém mandasse bisbilhotar a sua vida — ela, que supozera estar em sossêgo nos Olivais — teria de procurar outra casa ainda mais longe. Ora ela não apelara nunca para as instituições de caridade precisamente para lhe não devassarem a vida, e vinha um sr. daquela força...

“Indignava! Trabalhar; empregar-se! Quem lhe daria, depois, de comer em casa? Ou julgariam todos êsses srs. ricos que o pedir não custava, andar com o nome de boca em boca, a humilhar-se... a não perceber vários ditinhos e remoques... Quando ela dera esmolos, e até mesmo agora — porque ainda as dava aos pobres da rua — sentia-se mais senhora... menos infeliz. Porque não haviam, os outros, de sentir o mesmo, se gozavam da fama de caridosos? Nada mais certo que o ditado; “faze bem e não olhes a quem...”

Estava no vestíbulo. Passou, empertigada, junto do porteiro. Apeteceu-lhe desabafar... dizer quanto pensava sobre aquêle sr. Director, o tal homem de bom coração, o tal homem caridoso... Caridoso! Bisbilhoteiro, sim! Fazê-la apanhar aquela estopada, e sem resultado, a ela, que morava tão longe, e, ainda, expulsarem-a... Triste situação, a sua. Viuva, sem ninguém a defendê-la, sem recursos.

— Explorador, homem sem coração! — classifica.

CRÓNICA ALEGRE

A evolução da música doméstica

HÁ pessoas que têm a mania da música. Em Lisboa essa mania vem desde o período romântico desde as «soirées» das Pires da rua dos Fanquiros, embora já houvesse quem gostasse de tocar o seu bocado. A loucura musical começou pelo cravo. Não sei se V. Ex.^{as} sabem o que era o cravo, musicalmente falando. Era o piano ainda na meninice. Existia nos salões dos nobres e quando havia recepções as meninas de saia de balão tocavam no cravo as composições da época. As infantas olheirentas e os peraltas com casacas de bofes perdiam-se assim uma noite e iam depois para casa, muito contentes, a dizer à família que se tinham divertido imenso no serenim. No fim de contas está bem. Naquele tempo, que me conste, não havia cinema nem futebol...

Depois veio o piano de vários feitios. Havia uns muito impertigados para casa de gente remediada: eram os chamados pianos verticais; havia outros muito compridos, com um ar cerimonioso, com uma tampa bestial e madeira que nunca mais acabava: êsses eram os pianos de cauda e usavam-se geralmente nos salões da gente fina, pouco mais ou menos no mesmo sitio onde antes estava o cravo.

Como o lisboeta, ou melhor a lisboeta, teve sempre uma grande sensibilidade musical os pianos não tiveram um momento de descansa. Nos pianos verticais, próprios para famílias burguesas e meninas azêlhas, as valsas vienenses foram tocadas em todos os sentidos: de diante para trás, de cima para baixo e até do avesso. Nos pianos de cauda a música era outra. As meninas tinham tido professor e tocavam os clássicos, mal é claro, mas tocavam.

Com o andar dos tempos

o piano passou de moda e surgiu outro instrumento: o gramofone. Era uma espécie de caixa com um aparelho de relógio lá dentro. Por fora tinha um trombone e em cima da caixa um prato que andava de roda. Sobre o prato punha-se um disco—duns que tinham um câo—e ouvia-se música, e os artistas da época nos números mais em voga. O gramofone fez a sua época, entrou em todas as casas, ricas ou pobres, valeu a muitas aflições pois eu lembro-me de ver em leilões de casas de penhores gramofones com trombone e o competente lote de discos, para serem vendidos a preços módicos.

Mas como tudo passa, também o gramofone passou e surgiu em seu lugar outro objecto parecido e que segundo os entendidos era a mesma coisa. Chamava-se grafonola, não tinha o enorme trombone às costas mas a música moia-se pelo mesmo processo. Tinha discos e dava-se corda. Havia no meu prédio uma grafonola que tinha corda para oito dias, a maldita.

A grafonola foi uma verdadeira doença e havia menino que tocava melhor naquilo que o Kubelik no violino. Nas casas particulares chegavam a dar bailes ao som desse aparelho comandado por uma tia velha que percebia daquilo porque na sua mocidade se fartara de dar sôcos num piano.

Decididamente a grafonola havia entrado nos hábitos da vida alfacinha e até tinha a desvantagem de ser portátil, porque se podia levar a casa dos vizinhos e aos passeios às hortas. Emfim uma verdadeira calamidade.

Mas como tudo passa, o reinado da grafonola também passou e surgiu em seu lugar a telefonia. Isto sim, que foi um grande invento. Ao principio a tele-

fonia não metia vista nenhuma e ouvia-se mal. Mas depois foi-se aperfeiçoando e hoje é o que todos sabem. Presentemente com uma boa telefonia ouve-se tocar música em todo o mundo. Sim senhor, grande invento.

Mas isto tudo vem a propósito... Há já me lembro. Vem a propósito dum amigo meu que andava há tempos — sabedor de que eu gosto de música — a convencer-me a comprar uma telefonia. — Homem — dizia-me êle — com um aparelho daqueles ouves música nos quatro cantos do mundo. E então se êle fôr bom em ondas curtas até podes ouvir música da autentica em Paris, na América, em Londres, em Vienna, em Berlim, em Roma, emfim em tôda a parte onde haja música!

O tal meu amigo convenceu-me e decidi-me a comprar um aparelho. A escolha foi difícil porque os há de muitas marcas e de pilhas, de corrente alterna, de corrente continua, e das prestações. Eu decidi-me por um dos últimos com cinco lâmpadas e doze prestações. Ontem reuni a família tôda, fiz constar na vizinhança que também já tinha telefonia e dispuz-me a ouvir música em ondas curtas e de todo o mundo.

Depois do jantar agarrei-me ao aparelho e passei a noite a viajar com a agulha pelas capitais da Europa e até da América. Devo confessar que o aparelho é bom porque ouvi tudo. Tudo é como quem diz. Ouvi Londres, Paris, Berlim, Roma, Nova York, Atenas, Ankara, etc., etc., etc., mas música nem eu. Discursos e comunicados da guerra em tôdas as linguas e sem ruidos, mas música...

Eu não gosto de me gabar de coisas que não acontecem...

MARÇAL SALDANHA

A VOZ DE LONDRES

Os novos horários e os comprimentos de onda dos noticiários da B. B. C. em português e em francês, são os seguintes:

EM LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Ondas médias	Ondas curtas
12,15 ...	—	49,59 m. 25,38 m. 25,29 m. 19,76 m.
21,00 ...	—	19,82 m.
21,35 ...	285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m. 31,55 m. 30,96 m.
24,00 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.

EM LINGUA FRANCESA

Hora de Lisboa	Ondas médias	Ondas curtas
5,15 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.
11,15 ...	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.
17,15 ...	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 30,96 m.
19,15 ...	285,7 m. 261,1 m.	49,59 m. 30,96 m.
21,00 ...	285,7 m. 261,1 m.	49,59 m. 31,55 m. 30,96 m.
21,45 ...	—	31,32 m. 31,25 m. 19,82 m. 19,66 m.
23,45 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.

OS VELHOS AMIGOS SÃO OS MELHORES



A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando dest'arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viagem de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernardino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



MUNDO GRÁFICO



Miss
Mona Friedlander,
piloto
auxiliar
da
Royal Air Force